

UFRRJ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO - PROPPG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA- PPGPSI
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
MESTRADO EM PSICOLOGIA

DISSERTAÇÃO

UMA POSSÍVEL ANÁLISE ENTRE CORPOS SENSÍVEIS NAS TELAS E
VIVÊNCIAS INCONSCIENTES ATRIBUÍDAS À MEMÓRIA CORPORAL
ARCAICA

JULIANA DA SILVA FONSECA

2018

Seropédica, RJ
2018



**INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
CURSO PÓS GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**UMA POSSÍVEL ANÁLISE ENTRE CORPOS SENSÍVEIS NAS TELAS E
VIVÊNCIAS INCONSCIENTES ATRIBUÍDAS À MEMÓRIA CORPORAL
ARCAICA**

JULIANA DA SILVA FONSECA

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Psicologia**, no Curso de Pós-Graduação em Psicologia, Área de Concentração em Clínica, Educação e Saúde na contemporaneidade.

Orientador: Prof. Dr, Fernanda Canavêz de Magalhaes

Co-orientador: Prof. Dr: Marcus Vinicius A. Câmara

”O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001 ”

F676p Fonseca , Juliana da Silva, 1989-
Uma possível análise entre corpos sensíveis nas telas e vivências inconscientes atribuídas à memória corporal arcaica / Juliana da Silva Fonseca . - Seropédica, 2018.
79 f.

Orientadora: Fernanda Canavêz de Magalhães.
Coorientador: Marcus Vinícius de Araújo Câmara.
Dissertação (Mestrado) . -- Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, PPGPSI, 2018.

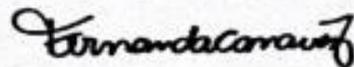
1. Memória. 2. Corpo. 3. Análise fílmica. I. Magalhães, Fernanda Canavêz de, 1982-, orient. II. Câmara, Marcus Vinícius de Araújo, 1956-, coorient. III Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. PPGPSI. IV. Título.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE
JANEIRO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

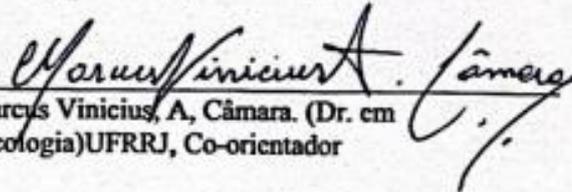
JULIANA DA SILVA FONSECA

Dissertação/Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia, no Curso de Pós-Graduação em Psicologia, área de Concentração em Clínica, Educação e Saúde na Contemporaneidade

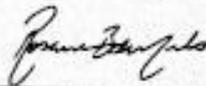
DISSERTAÇÃO APROVADA EM 19/12/2018 (Data da defesa)



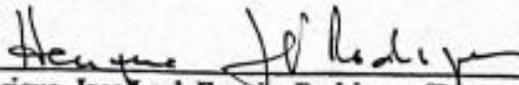
Fernanda Canavéz de Magalhaes. (Dra. em
Psicologia) UFRRJ, (Orientador)



Marcus Vinicius, A, Câmara. (Dr. em
Psicologia) UFRRJ, Co-orientador



Rosane Braga de Melo Nome completo. (Dra. em
Psicologia) UFRRJ, examanidor interno



Henrique Jose Leal Ferreira Rodrigues (Dr. em
Psicologia) IFP-Reich, examinador externo

Dedicatória

O que fica de nós quando quem compõe parte de nós se vai?

Bem...fica a parte que nos nutre e nos traz vitalidade

As raízes não deixam de existir só porque não podemos enxergá-las.

Assim também é com aqueles que se vão, se vão e ao mesmo tempo

Se tornam a parte de nós que é fortaleza, acalento e coragem.

Aos Meus queridos Tios, Rosa Maria Fonseca, Eliana Fonseca,

Carlos Augusto Fonseca, In Memória

AGRADECIMENTOS

Eu jamais chegaria aonde cheguei se só andasse em linha reta.

Tive que voltar atrás, andar em círculos, perder dias, perder o rumo, perder a paciência e me exaurir em tentativas aparentemente inúteis pra encontrar um quase endereço, uma provável ponte: a entrada do encontro.

Acertei o caminho não porque segui as setas, mas porque desrespeitei todas as placas de aviso. Quando você se compromete com o seu melhoramento, tem que renunciar a muitas coisas da sua rotina, do seu comportamento emocional.

As mudanças poderão até ser dolorosas, mas jamais estéreis, porque são inevitáveis e só têm princípio. É preciso muita coragem pra caminhar por uma paisagem nova e desconhecida, mas a vida pede de nós flexibilidade e perdão para que o amor se instale com conforto na nossa alma.

Sejam gentis com vocês, com os outros. E tenham muita consciência do potencial que ainda não foi desenvolvido. Estamos aqui para que o Universo também se beneficie da nossa existência. E receberemos em troca o eco do que emanarmos.

Felicidade é só uma palavra se você não tiver gratidão pelas conquistas que já teve e pelas que ainda poderá obter. E o amor só se tornará uma experiência se você permitir que ele te envolva, sem armaduras. Confie na vida e siga em frente. O mal só existe quando damos poder a ele. E somos do tamanho que queremos ser.

Marla de Queiroz

Finalmente eu poderei descer os ombros e descansar, descansar com a sensação de dever contínuo, cumprido?! Uma etapa apenas, é sempre um eterno ponto e vírgula. E mais um ciclo que se fecha dando lugar a um outro.. E como toda jornada sempre conta com iluminadores de caminhos a minha não é diferente. Me sinto especialmente grata pelas pessoas que tenho! Se ao menos pudesse traduzir de forma claramente visível eu certamente o faria, mas me sinto como alguém que descobriu uma coisa muito linda e não pode encontrar maneiras de expressar, de traduzir ou mensurar, de modo que precisaria inventar algum outro sentimento, palavra ou expressão e só então definir o que sinto. É algo em mim tão maior que qualquer explicação que eu possa encontrar dentro do meu repertório poético limitado. Algo como a minha pseudonoção de física quântica ou como a minha espiritualidade racional energizada ou qualquer coisa que ainda não foi me dado o entendimento. Eu apenas agradeço esses encontros, ainda que meio confusos, mas absurdamente intensos! Nunca serei grata o suficiente. Espero que vida me dê oportunidades de agradecê-los, mais do que por meras palavras. Gostaria de poder citar nominalmente, cada pessoa que direta e indiretamente, fez desta etapa possível e real, aos amigos dos pós, pela compreensão, pelas risadas, pela parceria, só nós sabemos o que é esta montanha-russa, chamada mestrado. Aos amigos que fui fazendo ao longo dessa jornada, que tornaram meu caminho muito mais poético e alegre, ah e me perdoem os momentos em que eu fiquei –espiralada! depois de todas essas etapas é difícil conservar a energia nobre(rsrs). Que os encontros poéticos nunca nos faltem, e que a gente perceba que às vezes se faz necessário sair um pouco do eixo, para encontrar outra maneira de prumar.

Aos colegas do grupo de pesquisa e de estudos, meus mais singelos agradecimentos, simples encontros foram o bastante para me ajudar a compor muitos dos capítulos da pesquisa. A todos os meus amigos e familiares mais próximos, eu preciso aprender a expressar mais do que tenho feito o quanto eu os amo, e sou grata por vocês existirem e por me amarem cada um a seu modo, com suas limitações e maneiras. Á Capes por financiar e apoiar essa e muitas outras pesquisas.

Gostaria de agradecer especialmente ao meu coorientador Marcus Vinicius A. Câmara desde a graduação me acompanhou, e eu posso dizer que jamais pude conhecer alguém tão paciente, tão caloroso e gentil. E olha, que eu testei cada uma destas suas qualidades. Eu agradeço a Deus por você existir e cometer a loucura de me acompanhar neste caminho, nem eu mesma sabia se seria capaz, com todas minhas limitações, e pouca aptidão, você habilmente me lapidou, não só a escrita, mas como minha própria capacidade de fazer

abstrações mais claras e profundas. Uma vez eu li uma frase que nunca mais me esqueci, acho que faz todo sentido pronunciá-la aqui, –o professor se liga à eternidade, ele jamais sabe onde cessa a sua influência e é bem isso, seus ensinamentos continuarão ecoando em meu ser e se perpetuando mesmo depois...mesmo depois de nós.. Para encerrar com uma dose de sinceridade que me é peculiar... Eu nunca tive grandes pretensões à carreira acadêmica, acho que tinha dificuldades de acreditar que eu poderia ser boa nisso, e apesar de uma outra caminhada me esperar, me sinto suficientemente inspirada, motivada e capaz de lecionar, é como se eu sentisse algo pulsante, e é estranho e ao mesmo tempo irresistível, tão claro que não me imagino fazendo outra coisa, penso que devo isso aos meus queridos professores do Departamento de Psicologia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, obrigada, a cada um de vocês. Gostaria de agradecer a minha orientadora Fernanda Canavez por ter aceitado assumir minha pesquisa, e pelas pontuações extremamente necessárias. Ao Professor Ronald por toda atenção e carinho dispensados nos momentos complicados deste trabalho.

Ao meu Pai José Luiz, mesmo eu tentando melhorar eu sei que meu pai merecia uma filha mais calorosa, presente, amorosa. Por azar ou preguiça ele só teve uma, e com isso minha responsabilidade de ser a melhor aumenta, não é? Além de amor, que é o que nós somos ensinados a ter pelos laços de sangue, tem algo que eu aprendi a ter, acho, sozinha: gratidão e admiração, pelo o homem que você é, poucos sabem e poucos vão perceber, mais eu sei e isso basta! Você foi essencial para que eu me tornasse quem eu sou hoje, eu sou porque você é. Eu sei que se eu puder te retribuir um dia, nunca vai ser o suficiente, você me deu tudo que não tinha, e eu só poderei te dar o que tenho. Obrigada, Papai!

E por último e mais importante a Deus por não ter me deixado sozinha, e por ter prometido ficar comigo a cada instante. Por ter me ensinado, especialmente neste último ano, um Amor de quatro dimensões que supera e extrapola os limites da compreensão humana. E é somente quando a gente recebe uma dose tão avassaladora desse amor que os nossos medos, paradigmas e julgamentos são superados, e aí compreendemos o quanto Deus é capaz de nós amar! Eu aprendi e estou aprendendo que estar em Deus é, necessariamente, estar centrado em nosso coração, estar em conexão com a natureza e com TODAS as pessoas. É quase impossível estar em Deus e desconectados disto.

RESUMO

FONSECA, Juliana da Silva. 2018. Uma possível análise entre corpos sensíveis nas telas e vivências inconscientes atribuídas à memória corporal arcaica. Resumo da dissertação Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Instituto de Educação, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

Pode ser a memória mais do que algo que dizemos "recordar" cognitivamente? Sugerimos, aqui, que carregamos uma memória que nos marcou por meio de experiências inaugurais suficientemente fortes, imprimindo em nossos corpos humanos suas expressões. Este trabalho tem como objetivo estabelecer, se possível, conexões entre a memória de experiências da primeira infância, como também da vida posterior e as marcas que impregnaram os corpos. Esta pesquisa tem como enfoque reconhecer nas filmografias, certas experiências, que embora vividas no corpo, não são atribuídas a ele, recebendo um significado cognitivo, mesmo que mal organizado. Utilizamos o Levantamento Bibliográfico inicial e análises de filmes como também extratos de filmes. Escolhemos como método a Análise Fílmica que, de acordo com Gomes (Gomes *apud* Mimura,2011) pode ser de grande relevância para abordar discussões temáticas. Será que essas cenas filmografadas coincidem com o que a literatura sustenta? A partir da contribuição das psicoterapias que levam em consideração conteúdos inconscientes e, especialmente, das terapias psicorporais referenciadas em Wilhelm Reich, David Boadella, Stanley Keleman e Gerda Boyesen concebemos que estes eixos teóricos contribuem para compreensão do corpo e mente como uma unidade. Com isso chegamos às seguintes indagações: será que podemos -tocar a memória assim como se toca o corpo? A concepção de cisão mente-corpo contribui para não apreensão da memória relativa às experiências corporais? Diante de nossas inquietações iniciais algumas considerações nos parecem claras. Perfilhamos que é por meio também do corpo atual que as vivências inconscientes tomam nosso cotidiano podendo remontar a cenas de uma *memória arcaica*. De fato, as impressões corporais inscritas primitivamente em alguma das etapas do desenvolvimento não se dissipam em nós, mas, pelo contrário, parecem ludibriar a ação do tempo e afinar-se com o corpo atual.

Palavras-chave: memória, corpo, análise fílmica.

ABSTRACT

FONSECA, Juliana da Silva. 2018. A possible analysis between sensitive bodies in the screens and unconscious experiences attributed to archaic body memory. Abstract of the dissertation Master of the Postgraduate Program in Psychology, Institute of Education, Federal Rural University of Rio de Janeiro.

Can memory be more than something we say "remember" cognitively? Here we suggest that we carry a memory that has marked us by inaugural experiences sufficiently strong, imprinting on our human bodies their expressions. In this way, the intention of this work is to establish, if possible, connections between the memory of early childhood experiences as well as following life and the marks that impregnated the bodies. For that, we try to recognize in the filmographies certain experiences that are not attributed to the body although lived in the body, receiving a cognitive meaning even if poorly organized. We used the Initial Bibliographic Survey and analyzes of films and extracts of films and from the Film Analysis that according to Gomes (Gomes (*apud* Mimura, 2011) can be of great relevance to approach thematic discourses. Do these film-shots coincide with what literature supports? From the contribution of psychotherapies that take account of unconscious contents and especially of the psychotherapeutic therapies referenced in Wilhelm Reich, David Boadella, Stanley Keleman and Gerda Boyesen, we conceive that these theoretical axes contribute to the understanding of body and mind as a unit. With this we arrive at the following questions: can we "touch" the memory as well as touch the body? Does the conception of mind-body split contribute to non-apprehension of memory relative to bodily experiences? In the face of our initial anxieties some considerations seem clear to us. We point out that it is also through the present body that the unconscious experiences take our daily life and can be traced back to the scenes of an archaic memory. In fact, the bodily impressions inscribed primitively in one of the stages of development do not dissipate in us, but, on the contrary, seem to deceive the action of time and to refine itself with the present body

Keywords: memory, body, film analysis.

SUMÁRIO

Introdução.....	11
Capítulo 1. Do Corpo	17
1.1. Noção e História do Corpo.....	18
1.2. O Psíquico e o Somático.	20
1.3 . O Conceito de Pulsão	22
Capítulo 2. Da Memória Corporal.....	24
2.1. Sexualidade: Memória Arcaica e Corpo Energético.	28
2.2. Memória Corporal e Corpo Social	36
Capítulo 3. Do Corpo em <i>Contato</i> e da Potência.....	39
Capítulo 4. Dos Corpos Sensíveis nas Telas	51
Considerações Finais	67
Referências	72

Introdução

Esta pesquisa nasceu inicialmente do relato de experiências cotidianas, um tanto curiosa, experiências que pareciam sugerir a existência de memórias apoiadas numa base corporal. A partir disso, foi que percebemos que havia um conjunto de filmografias que descreviam memórias que o corpo trazia de suas mais remotas experiências. Essa inquietante observação deu origem a uma fértil discussão, que culminou no meu trabalho de conclusão de curso de graduação, tendo como pano de fundo a dialética corpo/mente discutida ao longo dos tempos. Traçamos esse caminho, não com o intuito de delinear fronteiras ou sobrepujar uma instância à outra, mas investigar este corpo e quais conexões ele mantém com aspectos da experiência humana. Diante disso, pensar numa dicotomia mente-corpo seria limitar, reduzir, estreitar a complexidade desta experiência. Nos move saber: como as experiências que vivenciamos na mais tenra idade nos marcam, e se marcam, como deixam impressas no corpo suas manifestações? Que experiências podem tecer no nosso corpo suas lembranças? Para Leloup (2000, p. 15) –O corpo é nossa memória mais arcaica. [...]–Cada acontecimento vivido deixa no corpo sua marca profunda (p. 15). Será que podemos, de fato, encontrar vestígios dessas memórias corporais? Para Anzieu (1988) –não há como ter um Eu sem ter havido antes uma noção corporal. Na medida em que o Eu se desenvolve o corpo o acompanha. Nos primórdios da constituição do Eu, pode-se até dizer que o corpo se apresenta primeiro (p.126).

Ancorando-se na compreensão de autores como Keleman (1995), Boadella (1985), e Boyesen (1986) podemos pensar que, se essa dissociação corpo-mente influencia os pensamentos, as emoções, os sentimentos, por que não a própria memória? Ferreira (2008) faz referência a Spinoza quando este diz:

A memória está associada ao encadeamento das imagens que a mente forma das modificações que ocorreram no corpo, e este encadeamento de imagens, constitui a memória, e é por isso que esta é uma memória de marcas, uma vez que o que nós recordamos são sempre as impressões que o nosso corpo recebeu nos encontros com uma ordem da natureza de acordo com a ordem da sua memória (Spinoza *apud* Ferreira, p. 72).

A nossa inquietação surgiu após observações de experiências do cotidiano, como podemos perceber claramente em nossas expressões físicas, manifestações pouco compreendidas por nós mesmos, mas que ganham voz e força no corpo. Que experiências são essas que parecem marcar o corpo? Será que podemos –tocar a memória assim como se toca o corpo? A memória seria mais do que aquilo que podemos lembrar com algum esforço

cognitivo? A concepção de cisão mente-corpo contribui para não apreensão da memória relativa às experiências corporais? Este trabalho tem como enfoque reconhecer no cotidiano e a partir disso nos filmes que separamos, certas experiências que embora vividas no corpo, não são atribuídas a ele, recebendo um significado cognitivo, mesmo que mal organizado. A comunicação mais profunda que advém do corpo encoraja o crescimento de novas conexões e gera dimensões de experiência cada vez mais complexas.

Escolhemos como proposta de pesquisa o tema memória corporal para dar conta de um não saber, que antes de qualquer outro é o nosso. Almejando com isso estabelecer possíveis relações entre o corpo e a memória, e as conexões que perpassam o físico (corpo) e o metafísico (memória). Embora se tenha estudos relevantes na área da psicologia formativa inaugurada por Keleman (1995), assim como na área de Biossíntese tendo como o principal expoente Boadella (1985), acreditamos que tal temática mereça ser explorada por meio de outros eixos teóricos, dada a importância do tema em questão. De forma semelhante, pode-se dizer que, a psicologia ainda enfrenta dificuldades em clarificar o que de fato permeia esta unidade corpo-mente, sendo esta ainda muito marcada por concepções causalistas. Além disso, não podemos conhecer qualquer comportamento humano, isolando, fragmentando suas partes tal como se fossemos máquinas, como se existisse em si e por si. Justificamos, desta forma, este trabalho com intuito de nos permitir traçar uma inter-relação entre memória, como uma função cerebral superior, mas que não está dissociada de um corpo e nem habita uma porção específica do cérebro, memória esta que se oculta ao homem, mas que somente ele vê, revelando-se em seu corpo, que é visto, tanto mais pelos outros do que por ele próprio. Ressalta Ciampa (1984) que é muito frequente nos revelarmos através daquilo que ocultamos, somos um todo de coisas visíveis e invisíveis, nos acomodando, nos co-alterando. Este estudo tem como intuito contribuir para o aprofundamento destas questões tão embaçadas que percorrem a dimensão corporal e desembocam no domínio da psique, não como se houvesse uma dicotomia, mas sim uma unidade.

Após uma breve revisão teórica a respeito do olhar das psicoterapias sobre o corpo, levantamos possíveis motivos que acabaram por conduzir o afastamento psique e soma. É nossa intenção reconhecer um diálogo entre o corpo e a mente não como instâncias que se influenciam apenas, mas sendo expressões diferentes de uma mesma unidade, falando de um corpo que está na mente e a mente que habita um corpo. Com isso, desejamos dar ênfase a algumas questões acerca de uma memória que está para além da expressão verbal. O enfoque que procuramos privilegiar diz respeito a uma memória que se instala por meio de

experiências corporais. Interessa-nos levantar questões acerca das primeiras narrativas corporais. Salieta Fontes (2000) que estas narrativas são inscritas no corpo, mesmo antes da aquisição da linguagem. De acordo com a referida autora, –o corpo instaura o Eu, e a experiência de tocar o corpo serviria à experiência psíquica, ou seja, mais do que fornecer um modelo para a constituição do envelope psíquico, ela promove e estimula capacidades para que o Ego possa apreender o psíquico (Fontes, 2010, p. 50). Após os dados levantados pela literatura.

Quando iniciamos essa pesquisa tínhamos um método em mente, que segundo imaginávamos daria conta de dialogar com as principais questões aqui mencionadas, sem muita preocupação fomos discutindo com o material levantado, mergulhando nas filmografias e nos extratos que nos propusemos a dissecar, foi então que percebemos que o método que tínhamos escolhido não era exatamente o que estávamos trabalhando e diante disso, buscamos afinar nossas análises a algum outro método que pudesse dar conta dessa proposta, que pode parecer pretenciosa, por não se encaixar ao estilo de um rigor técnico, dito academicista. Lucas (2008) diz o seguinte que o contexto cultural de produção imagética muda, e sua relação com a pesquisa muda também. Dessa forma, a –representação está diretamente associada à capacidade de analogia que a imagem engendra: dentro das possibilidades relacionais — por semelhanças, contrastes, aproximações ou distanciamento — residem elementos que se abrem em conteúdos comunicacionais por excelência, visto que a produção imagética é a própria produção histórica do mundo (p.1331).

Nesse contexto, tanto social, como da presente pesquisa e seus possíveis questionamentos, faz muito sentido, pensar num tipo de método que contemple e se afine com posições mais inusitadas, talvez.

Desta forma, verificamos as possíveis contradições, apontamentos, e se os resultados estão em consonância ou não com a literatura e possíveis contribuições da pesquisa para temática em questão.

A concepção freudiana do corpo instaura uma modalidade corporal diferente daquela que vigorava em sua época e os primeiros esboços psicanalíticos referem-se a um ego corporal anterior a tudo: Freud em O Ego e o Id assinala –que o ego, antes de tudo, é um ego corporal, é a projeção mental da superfície do corpo, e que deriva das sensações corporais, principalmente das que se originam na superfície do corpo (Freud, 1923/1996, p.16). No entanto, o corpo nos parece como um suporte claudicante do psiquismo recalcado. A atenção

da psicanálise clássica está primordialmente voltada para a escuta psicanalítica, e sendo assim, o corpo deixa de ser visto. Reich, com seu pioneirismo, revela um corpo que desvela o próprio inconsciente. A partir dele as psicoterapias corporais vão ganhar fôlego. O que nos importa, então, é compor esta relação, integrá-la assim como vai dizer Câmara –As marcas no corpo, percebidas por Reich, foram reconhecidas por ele como tendo um equivalente psíquico. Desse modo, ao mesmo tempo, Reich integrava psique e soma. (Câmara, 1997, p.86). Queremos dizer que a Psicanálise tinha mais ouvidos para ouvir, do que olhos para ver, ainda que Freud (1904/1996) tenha dito o seguinte:

Quem tem olhos para ver e ouvidos para ouvir, fica convencido de que os mortais não conseguem guardar nenhum segredo. Aqueles cujos lábios calam, denunciam-se com as pontas dos dedos; a denúncia lhes sai por todos os poros. Por isso, a tarefa de tornar consciente o que há de mais secreto no anímico é perfeitamente exequível (p. 78).

Podemos dizer que o corpo seria, então, a arena de onde emergirá posteriormente o psiquismo. Após Freud enveredar-se pelos terrenos profundos do inconsciente, criando uma metodologia que admitisse ao paciente associar livremente suas ideias, sem censura, para chegar ao seu objeto de estudo (o Inconsciente) e inaugurando um *setting* que permitisse a expressão dos conteúdos reprimidos, segundo ele, haveria uma cura pela palavra. Interessando-se por este corpo, Reich (2004), o retoma, o aprofunda e o integra à mente, –revirando o *setting*, indicando que o corpo é o inconsciente visível. De tal modo, Reich (2004) não concebe a palavra como única expressão reveladora das angústias vividas, mas sim, como aquela que pode deturpar encobrir, e ocultar tais experiências, e que na verdade funcionaria também como uma defesa. Afirma este autor que:

apesar da linguagem refletir o estado emocional de maneira imediata, ela não é capaz de alcançar este estado em si. A razão disso é que o início do funcionamento da vida é muito mais profundo do que a linguagem e está além dela (p.333).

Reich caminha para além destas limitações da linguagem verbal e depara-se com um corpo que quer dar voz à história que carrega. A propósito, muito bem nos lembra Fontes (2000) que o corpo já está ali, onde a história do indivíduo se faz. –O corpo é testemunha de todas as circunstâncias vividas pelo indivíduo. Ele não esquece e mantém a memória de cada acontecimento (p.15).

De que forma circunstâncias atuais fazem rememorar os momentos em que ocorreram experiências que marcaram a primeira infância, e que circunstâncias são essas capazes de trazer à tona os vestígios de tais registros corporais?

Para Ferenczi (1992, p. 268) –a lembrança fica impressa no corpo e é somente lá que ela pode ser despertada. Neste trabalho nos importa delinear autores que tiveram forte influência na concepção do corpo e sua relação com aspectos da mente humana. Um dos referidos autores foi Gerda Boyesen, profundamente influenciada pelos trabalhos de Reich, que se contrapunha a concepção cartesiana, não dividia o corpo e a mente, entrelaçando ambos e dando nuances próprias ao perceber os aspectos que os amalgamavam em uma só unidade. A referida autora, em sua clínica, inaugura um trabalho com o corpo que ela denominou Psicologia Biodinâmica. Em *Entre psique e soma*, Boyesen faz menção a Reich ao dizer:

A identidade funcional, diz ele, significa que os dois em seu próprio plano preenchem a mesma função, a da vida. No espaço entre a psique e o soma está sempre o inconsciente, mas ele permanece corporal, ou ao menos, rente ao corpo, ele se adere ao corpo, ele corre no corpo, como a bioenergia, corre no sangue e no corpo todo. (Reich *apud* Boyesen, 1986, p. 12).

A terapia biodinâmica trabalha com a energia vital. Energia vital é a força que nos vivifica, a nossa substância física.

Tudo o que acontece em nós psicologicamente, mentalmente, emocionalmente, é uma manifestação do movimento energético nos nossos processos de pensamento, memória, fantasia, criação, todas essas são manifestações da energia vital através de planos inter-relacionados da existência (Southwell, 1983, p. 47).

Incitado pela biodinâmica de Boyesen e a Bioenergética de Lowen, David Boadella vai cunhar o termo Biossíntese, tecendo algumas alusões importantes no que se refere ao corpo. Boadella assinala que –o corpo físico, além de sua linhagem genética, e dos aportes do meio ambiente, é um repositório codificado para todas as emoções, pensamentos, sentimentos, e valores que corporificamos (Boadella 1997, p. 112). Diante disto percebemos como se faz imprecisa e inadequada a empreitada que visa separar o receptáculo destas emoções da influência dos aspectos da vida diária, revelando a unidade de um corpo pensante e que é ao mesmo tempo um pensamento incorporado. Corroborando com a concepção de corpo destes dois autores referidos acima, Keleman assume o corpo como participante crucial na mediação de nossas experiências que não são apenas mentais, mas corporificadas, o autor ressalta:

Que usamos o cérebro para tornar nosso próprio corpo um objeto, originalmente este processo de criação de imagens destinava-se a organizar a experiência, mas que agora ele tomou o lugar da experiência corporal, (Keleman, 2001, p. 42).

Este tal corpo que é nosso, sem ser experimentado, mas objetificado existe apenas para os desígnios da mente. Convergimos para um caminho que não busca reconhecer as bases físicas

dos sentidos, das memórias e das emoções que formam os registros corporais das experiências que temos. Entretanto, podemos conjecturar que a nossa constituição em seus primórdios, já é capaz de registrar experiências que se inscrevem corporalmente, e que carregamos essa memória por meio do nosso jeito de estar no mundo. Em outras palavras, é perceptível, na maneira como nos expressamos como o corpo pode remontar a experiências arcaicas, ainda que, por muitas vezes, não nos apropriemos destes registros e marcas enraizados num tempo que não é o presente, mas que referem-se às experiências da primeira infância. Para a Psicologia formativa de Keleman, somos criaturas corporificadas, sendo assim nossas emoções, nossos pensamentos, nossos sentimentos ganham forma, ganham corpo. –O corpo humano é emocional, cognitivo, linguístico e cultural, e por conta disso toda a nossa experiência é corporificada e está fundada em uma base anatômica (Keleman, *apud* Cohn, 2014 p. 4). De acordo com Cohn:

Keleman vê o corpo como um contínuo anatômico-emocional contendo várias camadas de organização, cuja arquitetura e modos de funcionamento compõem a experiência subjetiva. Em outras palavras, o corpo, com suas camadas de história herdada e formada, constitui a fonte da subjetividade humana (Cohn, 2007, p. 21).

Pensar o corpo na experiência vivida é assumir uma outra função de si, na verdade a mais primitiva de todas. No que tange às exigências sociais, Keleman afirma que –hoje em dia, economia e sociedade requerem pessoas que sejam basicamente pensadoras e agentes de interação social, com um uso moderado, contido do coração e ao mudar a forma do coração, a função do ser humano muda (Keleman, 1992, p. 12).

Em síntese o corpo traria uma história psiquicamente formada e herdada em suas camadas e reentrâncias, portanto não há como pensar numa separação de corpo e mente, simplesmente porque, neste caso, não existem duas unidades.

Neste Levantamento Bibliográfico inicial investigamos as relações das memórias corporais e as vivências inconscientes, o que se tem de conhecimento sobre esta matéria disponível na literatura, em seguida por meio de análises de filmes ou como também extratos buscamos constatar se, de fato, essas memórias corporais são percebidas pelos sujeitos/personagens conforme a literatura sustenta.

Qualquer técnica de análise de dados, em última instância, significa uma metodologia de interpretação. Como tal, possui procedimentos peculiares, envolvendo a preparação dos dados para a análise, visto que esse processo –consiste em extrair sentido dos dados de texto e imagem (Creswell *apud* Mozzato, 2011, p. 3).

Mozzato (2011) aponta que a descodificação dos documentos pode ser adotada diferentes procedimentos para alcançar o significado profundo nos códigos cifrados. Dessa forma, quando escolhemos a Análise Fílmica –os dados em si constituem apenas dados brutos, que só terão sentido ao serem trabalhados de acordo com uma técnica de análise apropriada (p.3).

1. Do Corpo

–O corpo é a superfície de expressão de praticamente todos os níveis da vida relacional, lugar de articulação do ser e do social, servindo de suporte ao pensar, ao dizer, ao fazer, além de ser o lugar no qual o sujeito se modela a partir da interação com o outro (Antonello, 2016, p. 93).

Neste capítulo alocamos o corpo na fronteira das vivências inconscientes que parecem de alguma forma remontar um pré-história de nós. É bem verdade, que na opinião de Keleman (2001) a nossa cultura –secular despreza o sentido subjetivo do tempo e do soma, entretanto, habitar um corpo não dotado de vivências sensoriais próprias é estar desprovido de si mesmo (p.45)l.

Como já referimos aqui em um outro momento, há algo próprio das vivências que nem a experiência e as palavras serão capazes de traduzir exatamente, uma vez que ao contar alguma de nossas vivências conseguimos explicar a experiência como nos aconteceu, mas nada comparado ao que de fato quem viveu sentiu, pois, a vivência em si é algo intransferível, vamos encontrar o seguinte esclarecimento no Diário de Etty Hillesum (1981) assassinada no campo de *Auschwitz*, em 1943: –Às vezes sinto vontade de fugir com tudo que possuo para dentro de algumas palavras, procurando refúgio nelas. Mas ainda não existem palavras para abrigar-me (Hillesum, E, *apud* Antonello & Gondar, 2014, p.102). É claro que aquele que fala não se comunica separado de um corpo, bem como nos ensina Meneses (2004) –não podemos nos esquecer da carga corporal que a palavra falada carrega. Na narrativa oral a palavra é corpo: modulada pela voz humana, e, portanto, carregada de marcas corporais (p.124)l.

De uma maneira distintamente interessante, o corpo que se apresenta na clínica psicanalítica, pouco tem a ver com o corpo que é orientado pela clínica reichiana. Ainda que a Psicanálise de Freud tenha sido –inaugurada l pelo o corpo da histeria, em Reich (1975) há uma

diferenciação, pois, se para o primeiro há uma compreensão de que, na conversão histérica, o psiquismo influencia o corpo; para o segundo, o psíquico e o somático não são instâncias separadas, ao contrário, constituem uma mesma unidade. Assim, como reconhecemos que há diferentes concepções de corpo para Freud e Reich, durante a realização da presente pesquisa, algumas reflexões a respeito do corpo na contemporaneidade foram nos atravessando. Pensar o corpo aqui descolado desses atravessamentos nos pareceu inconcebível. Antes de explorá-los, contudo, convém retomarmos a noção de corpo sob a perspectiva histórica.

1.1 Noção e História do Corpo

A intenção aqui é delimitar uma concepção de corpo. Deste modo, precisamos deixar claro qual é a noção de corpo que nos orienta e a partir dessa noção caminhar, aí sim, com e para esse corpo. Há como se falar conceitualmente do corpo, sem, contudo, experenciá-lo? Como saber ser corpo fora da experiência corporal? Todavia, se faz necessário traçarmos um paralelo ao longo da história das formas como o homem viu, entendeu e viveu a experiência de saber ser seu corpo. A história da nossa civilização é de certa forma contada através dos nossos corpos. Cada cultura, cada época, cada grupamento social construiu peculiaridades no que se refere ao seu corpo, valorizando alguns atributos em detrimento de outros, criando normas de usos e desuso do corpo, como também padrões desejados, estimulados e ou desencorajados.

A autora Nísia Martins do Rosário (2006a) afirma que para compreendermos os sentidos que construímos para o nosso corpo no presente, é imprescindível uma passagem pela história e, para isso, reconhecendo os diversos modelos que foram conferidos a ele. E neste vaguear pela história, temas como gênero, alma, sexualidade, poder, ganham tônica especial quando o assunto é o corpo. Pois bem, a tentativa aqui é retratar os períodos mais significativos da história do corpo, não pretendemos demarcar épocas, mas destacar os traços que se configuraram em dados períodos, e que influenciaram na construção de discursos sobre o corpo.

A imagem do corpo escultural na antiga Grécia ainda hoje permanece bem forte seja pelas pinturas ou estátuas, aqueles corpos que eram valorizados e reconhecidos por sua capacidade atlética, sejam pela saúde, e no caso das mulheres, por sua fertilidade. Neste cenário os pré-socráticos surgem formulando bases para se pensar e compreender as leis

universais da natureza não mais pautadas pela religião ou pela mitologia, que influenciaram nossa maneira de ver o mundo até os dias de hoje. Estes filósofos procuravam uma forma de explicar a natureza das coisas, como também entender a relação entre alma e corpo, é neste momento que a palavra se constitui como via principal de difusão de saber. A palavra passa a ser considerada o estado mais elevado da expressão da natureza humana sendo o que nos diferencia dos animais irracionais, o corpo muito pelo contrário, talvez sendo aquilo que mais nos aproxima da animalidade ou irracionalidade, conduzindo o homem ao seu estado mais primitivo (Rodrigues, 2014). A preocupação dos gregos era o excesso, a falta de controle dos apetites sexuais, não havia exigências morais tão fortes a este respeito, no que se refere aos homens.

No início deste período a razão ainda não se assentara no trono e, sendo assim, os limites que o corpo recebia ainda não tinham sido de todo apertados. A razão ainda não dominava totalmente o cenário, tanto é que umas das maneiras que denotava um certo poder ou mesmo prestígio entre os homens era o ato de comer. Rosário (2006b) nos conta que –nesses momentos, a boca assumia a potência do poder ao mastigar, moer, triturar, engolir o mundo que o homem conquistou através do trabalho. Assim o mundo era incorporado – literalmente – misturava-se ao corpo e apagava as fronteiras entre os dois (p. 2). Mais isto, não tardou para acontecer de fato, o mundo pautado pelo primado da razão agora prevalecia, se antes havia claramente um culto aos padrões estéticos, este passa a ser fortemente proibido. A partir do momento em que a fé e a razão se encontram o corpo tornar-se condenado a uma espécie de clausura, ou até mesmo relegado à uma categoria inferior, uma porção não pensante, subjogado pela alma, e, conseqüentemente, um estorvo à mesma.

Seguindo a concepção de autores que se destacaram por pensar a relação alma (mente) e corpo, Descartes (1650) talvez tenha sido um dos quais enfatizaram ainda mais essa cisão.

Em sua forma de pensar, a alma ganha uma qualidade de puro espírito, enquanto o corpo é reduzido a uma simples máquina, sujeita às leis da mecânica. Influenciado pelas ciências da natureza, em especial pela física e pelas leis da mecânica, tenta buscar os fundamentos científicos que sustentam suas ideias. Assim, o corpo humano passa a ser equiparado a qualquer outro o corpo físico, entendido por meio de seus processos mecânicos de funcionamento. Em outras palavras, o corpo passa a ser visto como uma complexa (mas simplória) máquina. (Rodrigues, 2014, p.36).

Definitivamente, em Descartes se instaura uma dicotomia muito clara entre corpo e mente, e o metafísico passa se impor ao físico, desde então a sociedade se achou por direito

de incorporar esta compreensão dualista em diversos âmbitos da vida. Deste modo, nos fica evidente como que cada contexto histórico cria modelos ou padrões para perceber e lidar com seus corpos. Para além dos fluxos políticos, econômicos, biológicos etc. que atravessam o nosso corpo, este também é fruto de construções culturais. E os homens se tornam iguais, justamente na sua capacidade de produzir diferentes corpos para si. Rodrigues (1987) completa da seguinte maneira –todo homem mesmo inconsciente desse processo, é portador de especificidades culturais no seu corpo, e tornar-se humano, é tornar-se individual, individualidade esta que se concretiza no e por meio do corpo (Rodrigues *apud* Daolio, 1995, p. 36).

Até o momento podemos perceber algumas formas pelas quais a ideia de corpo foi sendo construída ao longo da história e os discursos produzidos em torno do mesmo, o corpo como expressão de força, de fertilidade, de virilidade, o corpo como prisão da alma, o corpo desarrazoado. Contudo, devemos nos assenhorar de uma certa compreensão de corpo, e sobretudo quais contornos alinhavamos para nortear a concepção de corpo que se afina com a temática aqui tratada. Mas o que é o corpo então sob a nossa perspectiva? Embora, nesta altura nos pareça óbvio, ululante defini-lo, pelo menos por agora, o corpo como um corpo de marcas, que se permite sofrer afetações, na verdade, mais do que permitir, se dá e se constrói tal como é, exatamente pelas marcas que foram impregnando todas as nossas experiências. Wilhelm Reich (2004) defende, por exemplo, que todo corpo, que é necessariamente — *corpomente*ℓ, contém as marcas da história de sua constituição. Paulo Leminski (2013), o poeta, nos ajuda a encarar o corpo dessa forma, –viver é super difícil /o mais fundo/ está sempre na superfícieℓ (p.346), pode ser que a verdade que nos grita esteja também, na superfície, na periferia da nossa existência, no corpo. Neste sentido, Reich e Leminski se encontram para nos inquietar e tecer para nós uma noção de corpo, pois é também na superfície do corpo que são impressas as marcas profundas da nossa história. O corpo é a possibilidade de ser afetado, a capacidade de ser marcado e de se constituir como — *psicossoma*”, a partir, inclusive, destas marcas, destas pistas, que são objeto de investigação da presente pesquisa.

1.2 O Psíquico e o Somático

É por meio dos nossos sentidos que conhecemos quem somos e apreendemos o mundo a nossa volta. Contudo, no percurso, submersos e cerceados pela cultura, somos afetados por

uma série de imposições sociais que nos desliga quase que automaticamente de nós. Nos assegura (Oklander, *apud* Sousa, 2004, p.3) –Chegamos a funcionar na vida quase como se os nossos sentidos, nossos corpos e nossas emoções não existissem. Nietzsche (1976) em Assim falou Zarathustra argumenta algo com muita firmeza aos que desprezam o corpo –tudo é corpo, e nada mais; a alma é apenas nome de qualquer coisa do corpo. O corpo é uma razão em ponto grande, uma multiplicidade com um sentido só[...] –Instrumento do teu corpo é também a tua razão pequena (p.24).

Assim como para Nietzsche, de igual modo concebe Spinoza, evidenciando –que o corpo não é a prisão do espírito e nem antagônico a razão e, [*há de se fazer*] o elo entre a alma e o corpo (dispostos até então em compartimentos estanques) e solapar a dicotomia que durante um bom tempo permaneceu incrustada no pensamento filosófico (Couy, 2006, p.27). É difícil verificar o momento em que perdemos o contato com o nosso corpo, o instante em que ele passa a ser um mero veículo que nos possibilita continuar existindo. –Passamos a vida fazendo malabarismo com as palavras para que elas nos revelem as razões do nosso comportamento, e que tal se através das nossas sensações procurássemos as razões do nosso corpo? (p.14). Está é a convocatória que nos fazem (Bertherat & Bernstein, 1987) em O corpo tem suas Razões. O nosso corpo não se contrapõe à inteligência, à razão, às lembranças, ele as contém e lhes dá abrigo, pois o físico e o psíquico, o corpo e a mente, até a força e fraqueza, representam a unidade –corpomentel e não dualidades, portanto tomar consciência do corpo é ter acesso ao ser por inteiro. Dessa maneira, se torna imperativo habitar este corpo e não ser habitante de um corpo fragmentado, e desvendar essas instâncias sensoriais da memória do corpo, permitindo ressoar no corpo o material que elenca nossas primeiras experiências.

É por meio das vivências cotidianas que poder-se-á revelar, desvelar algumas vivências inconscientes que sugerimos, aqui, fazer parte de uma *memória corporal* arcaica. Por que pensar que o corpo manifestaria tais vivências? Para Deleuze (1998), –o corpo não se deixa controlar, ele escapa às tentativas de apreensão e aprisionamento pelos saberes estabelecidos. Segundo ele, o corpo é linguagem (p.290). É difícil encontrar tempo para seguir os vestígios misteriosos da linguagem do corpo, mas ele, também é quem somos, e não deveríamos dissociá-lo deste fato. É preciso repensar o que se convencionou a chamar de corpo, como sendo apenas um conjunto de órgãos desprovido de uma alma, o corpo é aquilo próprio que aparece no terreno das vivências, o limite ínfimo entre o psíquico e o somático, como defendem os autores a seguir. Para Boadella (1992), a questão entre o corpo e a mente e

a relação entre eles vem sendo amplamente discutida por filósofos e psicólogos, e a fim de vislumbrar uma solução possível, demarcá-los numa intercessão poderia dar conta de resolver essa complexa interação entre os eventos psíquicos e somáticos. Desta forma, Lowen (1985) corrobora Boadella, ao afirmar que — o corpo e a mente são funcionalmente idênticos (p.11), isto significa dizer, que ambos em planos diferentes, porém, não opostos, cumprem a mesma função, ou mesmo, dizendo de um outro modo — as funções materiais ou não materiais diferem em frequência vibratória e não em substância (Pierrakos, 1986, p.19). Keleman acrescenta que é também por meio da linguagem não verbal, que outra cena é expressa, e de certa forma o corpo serve-se de palco para mente. (Keleman *apud* Boadella, 1992).

1.3 Conceito de Pulsão

Devido à complexidade e também importância deste conceito, é com certo cuidado que traçamos aqui, algumas considerações a respeito do termo. O termo Pulsão é um termo bastante polêmico, sendo descrito de maneira muito indistinta na obra freudiana. O Vocabulário de Psicanálise de Laplanche e Pontalis (1967) traz as seguintes formulações:

Trieb- pulsion- instinnet ou drive. Traduz-se pulsão como — processo dinâmico que consiste numa pressão ou força (carga energética, ator de motricidade) que faz tender o organismo para um alvo. Segundo Freud, uma pulsão tem a sua fonte numa excitação corporal (estado de tensão); e o seu alvo é suprimir o estado de tensão que reina na fonte pulsional; é no objeto e graças a ele que a pulsão pode atingir o seu alvo (p.506).

As primeiras pesquisas de Freud parecem demonstrar uma base fisiológica ou mesmo química das psiconeuroses, e, neste sentido, Freud e Reich ainda que desemboquem, posteriormente, num canal diferente, afluem no mesmo rio, levantando hipóteses neurobiológicas para a compreensão geral do tema sexualidade. Nos anos iniciais dos estudos de Freud suas observações clínicas apontavam a relevância dos fatores sexuais na etiologia das neuroses de angústia, e também das psiconeuroses.

Nos primeiros escritos, Freud parece se posicionar dubiamente no que tange à sexualidade, ora afirmando sua força e existência ainda na infância, ora negando-a. No trecho do ensaio sobre A Sexualidade na Etiologia das Neuroses (1898), afirma que as crianças são capazes de todas as funções sexuais psíquicas e de muitas somáticas (p.163) e que, portanto, é um equívoco afirmar que a vida sexual só teria início da puberdade. E ainda acrescenta que —assim como a totalidade do aparelho sexual humano não está compreendida nos órgãos genitais externos e nas duas glândulas reprodutoras, também a vida sexual

humana não começa apenas na puberdade, como poderia parecer a um exame superficial (p.163).

Podemos imaginar com que alarido essa afirmação chocou os ouvidos da época, hoje, com certa tranquilidade pode-se dizer tais coisas, entretanto, há exatos 120 anos atrás, era inconcebível algo desta natureza. Diante de afirmações tão ousadas para época, podemos supor o porquê de Freud retomar outras vezes essa questão amparando ainda essa contradição complicada para ser sustentada naquele momento.

Por -pulsão podemos entender, a princípio, apenas o representante psíquico de uma fonte endossomática de estimulação que flui continuamente, para diferenciá-la do -estímulo, que é produzido por excitações isoladas vindas de fora. Pulsão, portanto, é um dos conceitos da delimitação entre o anímico e o físico (p.102).

Essa descrição de Freud (1905/1996) aparece na sua obra Os Três Ensaio Sobre a Sexualidade. Freud ao longo de sua obra modifica o conceito de pulsão, inicialmente descrito como um conceito-limite, fronteiro interpenetrando o aspecto psíquico e somático da vida humana. Ele mesmo conclui que existiria um lado biológico para considerar dentro da vida psíquica e que, portanto, a pulsão, em A Pulsão e seu Destinos (1915/1996) apareceria como um -representante psíquico dos estímulos oriundos do interior do corpo que alcançam a psique, como uma medida da exigência para trabalhar em consequência de sua ligação com o corpo (p.75), dito isto, Freud afirma que a pulsão seria um representante psíquicos destes estímulos, que são corporais. Na nota de rodapé de Instintos e suas Vicissitudes (1915/1996) vemos os seguintes esclarecimentos:

Verifica-se, contudo, uma ambiguidade no uso, por Freud, do termo *Trieb* ('_instinto') e *Triebrepräsenz* ('_representante instintual'), para a qual se deve chamar a atenção, com o fito de assegurar uma melhor compreensão. Em [1] e [2] ele descreve instinto como sendo um conceito situado na fronteira entre o material e o somático, o representante psíquico dos estímulos que se origina dentro do organismo e alcançam a mente. Em duas ocasiões anteriores ele já havia apresentado descrições quase com as mesmas palavras (p.69).

Num segundo momento, Freud (1915/1996) diz que o afeto e a ideia são componentes da pulsão. Mais, adiante Freud mergulha nos conteúdos intrapsíquicos e passa afirmar que a pulsão não pode se tornar um objeto da consciência somente a ideia que se faz representante. Freud faz uso do termo pulsão como uma espécie de estruturador biológico, e por ele os estímulos corpóreos passeiam. Para Reich, como ele mesmo afirma, Freud teria aberto o caminho para o estudo da sexualidade. E é desta forma que o espírito revolucionário de Freud encanta o jovem Reich que, mais adiante, vai retomar o tema da sexualidade, ainda enquanto jovem estudante, organizando um seminário de sexologia na universidade de Viena, em 1919.

Nos parece evidente na teoria freudiana o quanto a etiologia da neurose está associada à sexualidade, trazendo à tona os conteúdos sexuais e inconscientes recalçados. Freud sugere a cura por meio de tornar consciente os conteúdos inconscientes. Reich, de sua parte, passa a se interessar nas razões pelas quais alguns pacientes pareciam não alcançar a cura.

Reich então publicou um trabalho que vinha estudando por longos vinte anos que acreditava contribuir para o melhoramento da técnica psicanalítica intitulado de Função do Orgasmo (1942/1975). Reich vai se preocupar fundamentalmente, com as quantidades psíquicas, e não somente, com as qualidades como até então se vinha fazendo. Ou seja, a perturbação genital ganha um tónus mais importante, dizendo de outro modo, a economia sexual ancora a compreensão do quantum de energia, o quanto se carrega e descarrega, para manutenção da vida psíquica. Assim, para este autor, além do inconsciente fazer-se consciente, seria preciso que não só a energia ligada à referida lembrança fosse conectada, mas também que houvesse a sua liberação na mesma proporção em que foi represada. Segundo Reich estaria completa desta forma a compreensão da etiologia da neurose e a sua cura. Reich busca agora, o tratamento a nível genital (busca da entrega, do envolvimento afetivo-sexual, da pulsação, do viver sentido e não mecânico), indicando que a base das enfermidades mentais e conflitos era uma desregulação no desenvolvimento livre e pulsante das funções básicas do vivo.

2. Da Memória Corporal

As sensações são a carne de nossa memória.

Ivanise Fontes (2010)

A função terapêutica que a memória ocupou no início da Psicanálise clássica era elencar os conteúdos reprimidos, tornar consciente o material inconsciente era seu objetivo primeiro. Sendo assim, está pesquisa vem contribuir para uma discussão do estatuto de memória até então implícito, mas presente nos textos psicanalíticos. Para Gori (2003) –o sujeito se recorda, mas sem se lembrar, isto é, a recordação se impõe à sua revelia, infiltrando os capítulos esquecidos de sua história em seus sonhos, movimentos transferenciais e sintomas|| (Gori, 2003, *apud* Ferreira & Col, 2013, p.101). A psicologia tem se debruçado sobre o fascinante campo da memória e, auxiliada por descobertas feitas em áreas afins, propõe hipóteses para explicar o modo pelo qual se dariam os registros mnêmicos das experiências vivenciadas no início da existência biológica (Wilheim, 1997). Não há como prosseguir afirmando a

existência de uma memória corporal arcaica sem esbarrar nos recentes estudos que demonstram a experiência de uma vida fetal ativa e vinculada ao ritmo e o estado emocional da mãe, como também a qualidade e a intensidade de sua relação com seu parceiro. Modos arcaicos de vivências experimentadas no nascimento podem ressurgir inscritas no corpo, neste sentido, Freud na carta 52 encaminhada a Fliess (1950/1996) vai dizer o seguinte:

O material presente em forma de traços da memória estaria sujeito, de tempos em tempos, a um *rearranjo* segundo novas circunstâncias - a uma *retranscrição*. Assim, o que há de essencialmente novo a respeito de minha teoria é a tese de que a memória não se faz presente de uma só vez, mas se desdobra em vários tempos; que ela é registrada em diferentes espécies de indicações. (p.281).

Siqueira (2014) propõe o seguinte –as memórias nunca se apagam, elas se sustentam sobre o véu da fantasia, se tornando passíveis de serem transformadas e esquecidas, ou permanecem como um presente absoluto, radical que reivindica a partir do corpo e da compulsão a sua presença (p.12). Bergson (2006) corrobora com as concepções atuais de uma memória que está para além de acúmulo de lembranças, ele afirma que –a memória ...não é uma faculdade de classificar recordações numa gaveta ou de inscrevê-las num registro, não há registro, não há gaveta (p. 47).

Não há aqui, propriamente falando, sequer uma faculdade, porque uma faculdade se exerce de forma intermitente, quando, quer ou pode, ao passo que acumulação do passado sobre o passado prossegue sem trégua. Na verdade, o passado se conserva por si mesmo, automaticamente. Inteiro, sem dúvida, ele nos segue a todo instante: o que sentimos, pensamos, quisemos desde nossa primeira infância está aí debruçado sobre o presente que a ele irá se juntar. (p. 47)

Como pensar a dimensão de uma memória que advém do corpo, dimensão essa que quase nos escapa, porém, contudo nos perpassa e nos afeta? A memória do corpo dessa forma grita pela manifestação do que ouve outrora, de algo que não pode se inscrever num circuito representacional lógico. Knobloch (1998) orientada por essa mesma carta de Freud dirigida a Fliess compreende que –os traços mnêmicos são inconscientes, podendo se tornar conscientes por suporem uma inscrição, que poderá ser reescrita e transcrita. De modo diverso, a marca (signos/índices de percepção) supõe uma não inscrição. São –sensações sem palavras que a própria Knobloch (1998) definiu como –aquilo que não se escreve, mas que toma o corpo na atualidade (p. 16). Este tomar o corpo na atualidade nos chama atenção por que é um registro que se dá na corporeidade e que desta forma desvela –símbolos mnêmicos corporais essa descrição de *Memória Corporal* em Ferenczi (1930) nos ajuda aprofundar o que aqui é

proposto. Tomamos o corpo pelo o poder que o corpo tem de abrir uma dimensão de realidade outra, que como diria Reich (1975), capaz de conter nele a história e o significado de sua origem e que a dissolução dessa tensão muscular não só libera a energia, como também, a memória da situação de infância na qual ocorreu a repressão. Embora estejamos fazendo referência a memória infantil, o infantil aqui não está restrito à infância, mas, como também a marcas, e fragmentos de sensações de tempos imemoráveis. Paraboni & Cardoso (2015) reforçam que não há lembranças conscientes do desenrolar das coisas numa etapa tão arcaica assim, todavia, permanece as sensações via de regra corporais. Dizendo de outra forma — cada parte do corpo tem uma existência energética com memória, não dissociada do psíquico (Briganti, 1987, p. 56) e este modo particular de memória calcada no e pelo corpo, é sobre onde recai esta investigação. Esta rede energética carrega em si uma memória composta por todas as trocas afetivas-emocionais envolvidas nesta camada erógena.

Tomamos como exemplo um episódio clínico denominado de -membro fantasma que acomete pacientes que tiveram algum membro amputado, segundo eles, apesar da ausência do membro, muitos relatam a impressão de ainda continuarem com o próprio membro através de sensações como (coceira, formigamento, dores), de forma análoga o corpo está para nós tal como membro fantasma, que embora sinta, exista, é como se não existisse e estivesse ali carregando em si a memória-afetiva-psíquica-energética de quem somos.

A aposta, na verdade, é resgatar essas inscrições. Elas estão ali, revestidas de inconsciência, revisitando a nossa história, em cada célula, em cada órgão, cada marca é a pré-história mnêmica individual, e essas marcas arcaico - viscerais estão fixadas na memória do corpo, não na consciência, mas na memória inconsciente e primitiva. Como descrito por (Berry, 2003 & Fontes; 2010, Ferenczi, 1992) a memória do corpo, de algo que se deu num passado, ficaria contida no corpo, isto é, sem que, contudo, haja necessariamente um componente visual atrelado a ela, até por que esses acontecimentos extraordinários são experimentados por todos os sentidos. Conforme Berry (2003) destaca, as impressões que estão inscritas no corpo podem vir à tona a partir de situações ou circunstâncias atuais que por algum motivo atualizam a experiência primordial originária.

Muitos autores mencionados neste trabalho vêm pesquisando a temática da memória corporal, e boa parte deles evidenciam o aspecto traumático dessa memória. De acordo com os últimos, um evento bizarro ou extraordinário teria um teor de pregnância maior capaz de inscrever-se na corporeidade até mesmo com riqueza de detalhes surpreendentes. Contudo,

nesta pesquisa, desejamos enfatizar o seguinte: o corpo nada mais é do que aquela expressão resultante do quanto de memória se resgatou, talvez, –sendo a única viagem permitida ao homem a tentativa de se conhecer, o de se dar corpo a si mesmo (Briganti, 1987, p. 84).

A apropriação que fazemos da memória aqui neste estudo tem muito mais a ver com uma memória sensível, se é que podemos chamar assim, do que propriamente com a capacidade de recordar claramente de fatos. Determinados autores nos ajudam a compor algo bem próximo de uma definição mais –clínica da memória. Para Seligmann- Silva (2006):

Devemos recordar que a arte da memória encena aquilo que deixou marcas no nosso corpo — na nossa memória não instrumental, meramente consciente, vinculada ao sistema de proteção dos choques. Daí a arte da memória ter profundas relações com a arte do corpo que também é uma marca das produções atuais. O redesenho do –eu na dita pós-modernidade passa pela pesquisa do corpo como suporte da memória (p. 45).

No célebre romance de Milan Kundera (1985), *A Insustentável Leveza do Ser*, o autor narra uma cena belíssima, que gostaríamos de descrever, e, assim, conferir contornos mais próprios à memória da qual nos referimos. Tomas, um dos personagens que sustenta a trama amorosa, é um divorciado convicto, mas que ao se apaixonar por Tereza vê-se, entre a paixão que possuía por descortinar o milionésimo de diferença de todas possíveis mulheres, o mistério que se esconde em cada sexualidade feminina e o amor que colocava Tereza num patamar acima desta paixão, como podemos ver no trecho a seguir:

Das aventuras amorosas, sua memória só registrava o estreito e íngreme caminho da conquista sexual: a primeira agressão verbal, a primeira carícia, a primeira obscenidade que lhe dissera, e ela a ele, e todas as pequenas perversões que, aos poucos, a fizera aceitar, e as que ela recusara. Todo o resto (com um cuidado quase pedante) eliminara da memória. Esquecia-se até do lugar onde encontrara esta ou aquela mulher pela primeira vez, já que isso precedia a conquista sexual propriamente dita. A jovem falava da tempestade com o rosto banhado por um sorriso sonhador e ele a olhava estupefato, quase envergonhado: ela vivera uma coisa bela e ele não a vivera com ela. A reação dicotômica da memória dos dois diante da tempestade exprimia toda diferença que pode haver entre o amor e o não amor. Por não-amor não quero dizer que Tomas tenha se comportado com cinismo em relação a essa moça. Que tenha visto nela, como se diz, somente um objeto sexual: ao contrário, gostava dela como amiga, apreciava seu caráter e inteligência, estava sempre pronto a ajuda-la quando precisava. Não era

ele que se comportava mal em relação a ela, mas a sua memória que, independente da vontade, excluía de sua esfera de amor. Parece que existe no cérebro uma zona específica, que poderíamos chamar de memória poética, que registra o que nos encantou, o que nos comoveu, o que dá beleza à nossa vida. Desde que Tomas conheceu Tereza, nenhuma outra mulher tinha o direito de deixar a marca, por efêmera que fosse, nessa zona de seu cérebro. Tereza ocupava como déspota sua memória poética e dela varrerá todos os traços das outras mulheres. [...] — Não procuro prazer, procuro a felicidade, o prazer sem a felicidade não é prazer [lhe dizia a moça]. ¶ Em outras palavras, ela batia nas grades de sua memória poética. Mas as grades estavam fechadas. Não havia lugar para ela na memória poética de Tomas. Só havia lugar para ela no tapete (p. 208-209) l.

Ainda que com a doçura de um romance a memória de impressões aqui retratada, como aquilo que nos encanta, aquilo que nos coo(move). No caso, deste romance aquilo que Tomas reconhecia ser verdadeiramente amor, o que sentia por Tereza, ainda que à sua revelia, a memória poética lhe traía, expurgando todas as outras das quais tivesse um caso dessa zona específica que transpassa o mero desejo à esfera do amor. A memória do corpo de Tereza ocupava a cena, cegando o encantamento, aquilo da vida das outras que de alguma forma era belo, só não tão belo quanto o que sentia por Tereza.

Articulamos autores citados até aqui que afirmam que a memória corporal consciente de alguns de nós gira em torno de dois anos; (Boadella,1992; Keleman,1995; Winnicott, 2000; Briganti,1987). Wilhelm (2003) vai mais além e defende que a memória está para além de substratos neurológicos. Se assim é, não devíamos ignorar a experiência corporal que antecede essas lembranças. Neste sentido, nos parece significativo supor, que até uma simples célula poderia possuir algum tipo de sistema que guardaria uma memória primitiva de estados orgânicos passados. A constatação dessas experiências dos nossos estados mais primitivos se faz por meios que não podemos ainda precisar. Contudo, é importante, reconhecer e constatar a existência dos registros de tais experiências, ainda que seja pela via corporal.

2.1 Sexualidade: Memória Arcaica e Corpo Energético

A cisão corpo-mente, que é pano de fundo discutida nesta pesquisa, embaraça uma série de questões e já que o assunto aqui é o corpo energético ou mesmo o corpo sexual, retomamos, afim de pensa-la sob a ótica da sexualidade. Wilhelm Reich (1975) em A Função

do Orgasmo lança as bases para compor e superar a tradição cartesiana. Para ele o tema sexualidade atravessaria todos os campos científicos, e não é uma questão endereçada apenas ao campo da psicologia, mas como, também da fisiologia, da biologia e, bem como, da sociologia. Reich conclui então — que a, sexualidade é o centro em torno do qual gira a vida da sociedade como um todo, e também o mundo, intelectual interior do indivíduo (p. 17). Sempre fomos convencidos a lidar intelectualmente com as nossas sensações, como se elas fossem sempre sem razão de ser, e, conseqüentemente, deveríamos menospreza-las. Por outro lado, não podemos deixar de nos questionar acerca de algumas indicações possíveis: que o corpo carregaria, talvez, uma memória de nossas afetividades mais arcaicas e, além disso, as nossas primeiras trocas erótico-objetais. Briganti (1987) acrescenta que a dinâmica constituída na relação pais e filhos, e suas diferentes emanações, frustrantes, alimentadas ou não, estarão sempre sendo reforçadas, corroboradas por um fluxo libidinal, ajustando-se ao sistema nervoso autônomo. Para este autor isso se instaura — em cada músculo, cada articulação, cada extensão de tecido, em cada célula. A menor célula do organismo está inscrita na história individual, e esculpida em seu funcionamento a partir desta (p.46). Do mesmo modo Reich (1975) postula que a sexualidade tem função preponderante na estruturação psíquica. E mais, não só estruturante bem como a sexualidade seria, também, responsável pela saúde psíquica. Um dos conceitos criados por Reich para fechar essa equação é o de potência orgástica. Alguns equívocos foram descritos em torno deste conceito, até um tanto diferente daquilo que Reich propunha. Quando ele se reportava à potência orgástica não estava apenas se referindo à sexualidade estritamente genital mencionada por outros autores, mas sim à capacidade de entrega do corpo como um todo. Reich (1975) sustenta a seguinte afirmação — a gravidade de todas as formas de enfermidade psíquica está diretamente relacionada com a gravidade da perturbação genital (p.52). Ele define assim, como que a capacidade de entregar-se à sexualidade genital, não é simplesmente a entrega a sexualidade genital estrita, mas a tudo que se vincula, ao trabalho, à vida relacional, ao como se vincula? Em tudo que faz, há entrega ou não? Ser potente orgasticamente é se envolver em amor e com amor em todos os aspectos que compõem a vida. Dessa maneira, este mero conceito, de potência orgástica que é descrito por Reich (1975) como: -a capacidade de abandonar-se, livre de quaisquer inibições, ao fluxo de energia biológica; a capacidade de descarregar completamente a excitação sexual reprimida, por meio de involuntárias e agradáveis convulsões do corpo (p. 55) é ampliado e ganha fôlego suficiente para ancorar sua nova concepção de libido. A partir disso, ele passa a relacionar as questões psíquicas como sendo fundamentalmente uma perturbação na capacidade natural de amar.

No que tange a sexualidade à história das nossas primeiras relações objetais, frequentemente, teriam forças para se sobrepor as nossas relações posteriores, tornando um infinito agrupamentos de sensações ou impressões que, ainda que inconscientes, são suficientemente fortes para retornarem como experiências vivenciadas de modo cenestésico ou energético, distinguindo a forma das nossas entregas e não entregas com o meio e com o outro. Reich, ao retomar o conceito freudiano de libido, traça uma inter-relação com o fluxo libidinal sexual de afeto, e concebe, originalmente o fio condutor entre soma e psique. Instaurando a dialética somato-psíquica.

Igualmente, Briganti (1987) aponta que haveria no homem um registro de emoções arcaicas e, é através desse registro que se entrelaça a matriz da interação com o outro e com o meio. Toda esta gama de emoções, fragmentos de sensações, impressões sensíveis vão se interpor em fantasias, compondo assim, registros originários das primeiras sensações de visceralidade.

De acordo com Wilhelm (2003):

Todo ser humano em qualquer momento da vida, está sujeito a sentir reativados os núcleos arcaicos que, devidamente estimulados, o fazem voltar a vivências intensas muito progressas (p.51).

Pretendemos dar luz à potência das nossas vivências atuais, como aquelas que acabam sendo atualizadoras, no sentido de nos proporcionar uma descarga de sensações afetivas ligadas a vivências corpóreas inconscientes, porém, já experimentadas antes, num tempo primitivo na nossa história. Winnicott (1949/2000) observou em sua clínica que alguns pacientes revelavam dificuldades oriundas de seu desenvolvimento emocional primitivo, que se instalariam até mesmo antes do complexo edipiano. O autor defende que embora seja possível a manifestação de traços mnêmicos referentes até a experiência do nascimento, eles não precisam ser necessariamente valorados como traumáticos, mas que seriam experiências energéticas surpreendentemente intensas. Em se tratando dessas experiências, Winnicott (1949/2000) argumenta que certas vivências ainda mais arcaicas, seriam tão intensas a ponto de marcar a vida adulta posterior, ele sugere que até mesmo a experiência do nascimento seria importante para vida do bebê, -com implicações significativas para o desenvolvimento emocional do indivíduo, e que os traços mnemônicos da experiência poderiam persistir e suscitar problemas na vida adulta (p.255).

Cabe dizer, que neste trabalho, abordamos o corpo cotidiano, que é visto por nós e por outros, e que também reverbera e se desdobra na nossa relação diária, e assume sua verdade, a nossa verdade, assume outras possibilidades da nossa história calada, oculta, mas, contudo,

expressa nele próprio. Assim como Winnicott admite que experiências intrauterinas, podem ser mantidas como matéria de memória, levantamos, também, que experiências atuais da ordem, do sentir, do tocar, do cheirar, do ouvir, constituiriam os capítulos de vivências inconscientes, anteriormente experimentadas, atualizando-as.

Fontes (2010) em *Psicanálise do Sensível*, em seu último capítulo comenta a palestra de J. Kristeva no lançamento do livro da respectiva autora, destacando a noção de experiência: –a experiência marca um traço de união frágil, doloroso ou jubilatório do corpo à ideia, que tornam caducas essas distinções (p.122). Fontes (2010) complementa que é por meio da experiência que o homem é capaz de tomar conhecimento do mundo que o circunda, e, conseqüentemente as sensações que respondem pela tradução desse mundo. A experiência aqui, ganha um sentido de ser aquela parte de nós que ultrapassa os limites do conhecimento e é a única da qual não podemos duvidar, ainda que o conteúdo seja questionável. Quando, anteriormente, delineamos uma noção de corpo nos reportamos a respeito da experiência. Ao passo que experimentamos uma coisa, para que esta seja de fato experimentada, precisa passar pela via do corpo, deve ser incorporada. De acordo com Larrosa (2011):

Nos modos dominantes de racionalidade, não há logos de experiência, não há razão de experiência, não há linguagem de experiência, mesmo que essas formas de racionalidade façam uso e abuso da palavra experiência. Então a primeira coisa a se fazer, me parece, é dignificar a experiência, reivindicar a experiência, e isso supõe dignificar e reivindicar tudo aquilo quanto a filosofia e a ciência, tradicionalmente desprezam: a subjetividade, incerteza, o provisório, o corpo, a fugacidade, a finitude, a vida (p. 22).

No que se refere ao corpo seria coerente definir um conceito sem, contudo, passar pela via da experiência do próprio corpo? Deste modo, as experiências se fazem necessárias, e também estruturantes para que o homem adquira consciência/conhecimento do seu próprio corpo. Logo, são as experiências que o corpo vive e revive dentro da sua história, pessoal, social e evolutiva, que faz dele um lugar de depósito de sensações impregnantes, percepções refinadas. O conhecimento de si, dos fatos da vida e até mesmo a clareza da realidade passam de alguma maneira pela via da –somatoexperimentação, ou seja, o corpo também se apresenta, apreende e traduz algo que poderíamos chamar de outra cena, que escapa ao campo representacional e é quando a representação falha que o corpo começa a pensar.

Briganti (1987) em *O Corpo Virtual* faz um resgate mnêmico interessante:

Era um homem de 33 anos, que vivia uma grande crise naquele momento de sua vida. Procurava-me após ter tido um quadro agudo de dores no precórdio. Havia percorrido todo um caminho clínico. Todos os exames laboratoriais, haviam sido realizados. Todos acusavam o quadro compatível com a normalidade. A dor

pontiaguda no coração continuava, porém. Este homem era inteligente, sensível, perspicaz, alcançara sucesso profissional. Casado. Mantinha um relacionamento, segundo informava, satisfatório com sua esposa e filhos. Fizera muitos esportes em sua vida. As marcas de sua vida estavam inscritas em seu corpo. Apresentava queixo forte e arrogante. Olhos míopes que piscavam com extrema rapidez. Peito largo e pontiagudo. Braços rígidos. Abdômen protuberante, que mostrava diafragma praticamente paralisado. Respirava superficialmente. Pélvis estreita, com um mínimo de movimentos. Coxas rígidas, pernas enfraquecidas. Na altura do tornozelo sofria um grande estrangulamento, marca profunda de corte energético. Pés pequenos, estreitos, com o peitoral bastante alto. Pouca base de sustentação para sustentar aquele corpo.

Fumava bastante nas sessões, onde a ansiedade era a tônica. Vestia-se de maneira clássica: paletó, camisa branca, as vezes com gravata, calças de casemira, meias de nylon, sapatos clássicos. No início de nossos encontros sentava-se em umas das poltronas, cruzava as pernas, ansiosamente trazia à tona sua história: Fora um garoto bastante cerceado pelos pais, de classe média, trabalhavam muitíssimo e tinham por ele todo um cuidado especial – pois, sendo inteligente, respondia as expectativas da escola, onde era tido como um bom aluno. Jamais repetira de ano. Resumia a sua família como: — trabalhadeira, moralista e assexuadal. De seu pai assim se recordava: bom homem de princípios éticos e moralistas rígidos, religioso. De sua mãe: dirigida ao trabalho e religiosa.

Sua educação básica fora em colégios religiosos, onde desde a primeira infância tivera contato com a Bíblia: desde o Velho Testamento até o Novo. Frequentara culto religioso desde a infância. Era obrigado a participar dos atos religiosos e suas variantes como confissão, a penitência posterior etc. Efetua o vestibular sendo aprovado. Tornar-se um profissional bem-sucedido desde os primórdios de sua carreira, quando se instaura uma grande dor no precórdio que o faz trilhar caminhos de pesquisa científica até o consultório de psicoterapia. Era este, em linhas gerais, o quadro que traduzia a superfície psíquica daquele jovem homem. Efetuamos após dez sessões individuais, o seguinte trabalho: pedi-lhe que se deitasse sobre o colchonete. Consentiu, tirou os sapatos, paletó, afrouxou o cinto e deitou-se com a parte anterior para cima (decúbito dorsal). Ele fechou os olhos. Sua respiração de início ansiosa, lentamente foi se apaziguando. Foi relaxando à medida que eu pedia que sentisse o contato com o solo, e que fosse liberando cada articulação de seu corpo. Os tornozelos, joelhos, articulação coxo- femoral, punhos cotovelos, ombros, pescoço. Pedia que imaginasse que no interior de cada articulação havia como que uma rolha que deveria ser retirada com suavidade, lentamente e que isto ele conseguiria através de movimentos articulares internos e lentos. Ao final deste

trabalho, de liberação das articulações, o paciente apresentava-se menos angustiado mais em contato consigo mesmo. A partir do contato físico estabelecia-se um contato psíquico. Passava naquele instante ao segundo movimento de trabalho da sessão, que consistiria no seguinte: ele continuaria de olhos cerrados, na mesma posição, eu continuaria a estar a estar ali ao seu lado. Ele formaria uma imagem de si próprio, na qual iria se reduzindo de tamanho, até atingir dimensões ínfimas. Quando assim se encontrasse este microcorpo entraria dentro dele, por onde desejasse, por qualquer orifício, para, em seguida, a partir de dentro dele mesmo, começar a descrever tudo que visse, ouvisse, sentisse. Que não se importasse em seguir as verdades anatômicas, que circulasse desde o seu interior como desejasse. Eu estaria do lado de fora para ajuda-lo desde que pedisse, poderia instrumentaliza-lo com o que precisasse para sua viagem interna, com cordas, escadas, ferramentas etc. O paciente principiou a sentir-se pequeno e, quando atingiu o tamanho ideal, me informou. Disse que iria entrar dentro de si pela boca, descreveu: — A língua é forte, áspera, vermelha. Os dentes enormes, se parecem com colunas gigantes, a saliva é pegajosa e faz com que a gente escorregue... vou aproveitar este tobogã vermelho e lá vou escorregando de bunda... puta descida...uauuh! Não para.... Ah! tô vendo uma massa branca...Ufa! Caí... ... ainda bem que é macia... quentinha... sabe o que é? Ah! Ah! Ah! São meus culhões..., mas o que eles estão fazendo aqui dentro?

Pausa. — Bom, eles são fortes, mas brancos. Vou sair daqui; é muito fundo e escuro. Ei doutor, aí de fora: você tem uma lanterna para me emprestar? — Aqui vai uma lanterna. — Obrigado...ah! É melhor assim, com facho de luz dá menos medo... deixe-me ver as paredes: são arredondadas, músculos enormes e brancos, que se fecham, e vão formando uma abóboda ... uma esfera, não tem saída...quero sair daqui...! Ah... por aqui tem um cordão...é branco também...parece uma corda flexível e forte.... Ah! Já sei! É o cordão espermático..., mas ele vai para cima! Lá vou vou subir esta corda, está escuro de novo, mas eu estou subindo. Pausa.

Ouçõ umas pancadas fortes aqui do lado.... Ah! São as batidas do coração como ele é forte. Balança todas as paredes aqui do lado. Que pancada. Até a cor vermelha dele dá para ver.... Mas, que engraçado! ... O coração não é todo vermelho_ é dividido: de um lado vermelho de um lado preto. Vou subir um pouco mais, tô encontrando uma outra corda, parece veia é uma veia que sai do coração. Pausa. Meu Deus! Ela se junta com o cordão em que eu estou Pausa. Forma uma ligação aqui... como aqueles — Tl de encanamento... aqui no meio do peito quero sair...vou sair correndo daqui...vou sair pelo peito, ach furei... estou cansado Dor....Quero crescer...

Digo a ele que volte lentamente a seu próprio tamanho que abra lentamente seus olhos.

– Retornei...

A partir deste instante, passamos à terceira parte da sessão, que seria a da interpretação deste conteúdo imaginário, tornando-o simbólico. Iniciamos a decodificação desde o início do relato. Sua sexualidade ainda se encontra interiorizada, fortemente presa, numa abobada muscular virginal branca. Sua relação com a sexualidade é regida pelo branco infantil. Há uma confusão entre sexualidade e pecado preto. [...]. Toda aquela massa muscular branca que fecha, que cerceia é a sua história de repressão sexual. [...]. Seu coração, dividido entre amor e pecado, produzia a inscrição somática de dor.

– Doutor, esta abobada branca me lembra a abobada branca com as colunas da igreja que eu frequentava desde menino.

– A protolinguagem estava inscrita. O imaginário vivido. A medida que este trabalho foi realizado, paciente inicia a saída da etapa regredida e a conquistar seu corpo maturo e bancar seus desejos. [...]. À medida que se desvenda o simbólico, o corpo imaginário também se desvanece. A aquisição do corpo simbólico se instaura e com isso o fluxo de Eros trilha o fluxo libidinal de afeto (p. 85-88).

Briganti (1987) se utiliza da alegoria de um –microcorpoll para que o paciente em questão sinta e comece a lidar com a sua construção de corpo e de sua sexualidade dentro da sua própria história. Neste relato o autor referido corrobora com algumas de nossas apreensões. É possível que traços muitos pregressos e arcaicos de nossa pré-história sejam atualizados, quer por situações mobilizadoras, quer por experiências extraordinárias, tais, como, por exemplo, os sons, odores, sabores, sensações físicas que experimentamos por todos e com todos os sentidos, e que de alguma forma tomam o aqui e o agora. Partimos do pressuposto que estes traços são o bastante para marcar nossa forma de estar no mundo, como também não poderíamos supor serem hábeis para marcar um componente tão estruturante psiquicamente como a sexualidade?

Reich em A função do orgasmo (1975) nos conta um pouco a respeito de sua trajetória até chegar a compreensão da etiologia das neuroses, e por fim conclui que a sexualidade era um balizador da saúde psíquica.

Era o tema básico da sexualidade que me obrigava a empreender esses estudos. Estudei muito bem o *Handbuch der Sexual-wissenschaft*, de Moll. Queria saber o que os outros tinham a dizer sobre os instintos. Isso me levou a Semon. A sua

teoria das "sensações mnemônicos" deu-me o que pensar sobre os problemas da memória e do instinto. Semon argumentava que os atos involuntários de todas as criaturas vivas consistem em "engramas", i.e., em impressões históricas de experiências. O protoplasma, em eterna autopropetuação, absorve continuamente impressões que, respondendo aos estímulos correspondentes, são "ecforizadas". Essa teoria biológica se ajusta muito bem ao conceito das lembranças inconscientes de Freud, os "traços de memória". (p.18)

Freud em sua obra *Interpretação dos Sonhos* (1900) nos inquieta a respeito das sensações mais remotas que marcariam as moções pulsionais tanto individuais como da ordem da humanidade. Para ele o:

Sonhar é, em seu conjunto, um exemplo de regressão à condição mais primitiva do sonhador, uma revivescência de sua infância, das moções pulsionais que a dominaram e dos métodos de expressão de que ele dispunha nessa época. Por trás dessa infância do indivíduo é-nos prometida uma imagem da infância filogenética - uma imagem do desenvolvimento da raça humana, do qual o desenvolvimento do indivíduo é, de fato, uma recapitulação abreviada, influenciada pelas circunstâncias fortuitas da vida. Podemos calcular quão apropriada é a asserção de Nietzsche de que, nos sonhos, -acha-se em ação alguma primitiva relíquia da humanidade que agora já mal podemos alcançar por via direta; e podemos esperar que a análise dos sonhos nos conduza a um conhecimento da herança arcaica do homem, daquilo que lhe é psiquicamente inato. Os sonhos e as neuroses parecem ter preservado mais antiguidades anímicas do que imagináramos possível, de modo que a psicanálise pode reclamar para si um lugar de destaque entre as ciências que se interessam pela reconstrução dos mais antigos e obscuros períodos dos primórdios da raça humana (p. 139).

Boadella (1992) argumenta que todos os nossos condicionamentos, os nossos modos específicos de evitarmos as sensações de entrega profunda não acontecem sem, contudo, gravar em nós a etiologia desse processo que foi sendo assimilado, em nós tanto mentalmente quanto fisiologicamente. Deste modo, o que se recorda, o que se vive, o que sente nunca estará de modo algum separado de onde se recorda, onde se vive e onde se sente. Por isso o sujeito e o social, não estão dados, mas se dão nos encontros, nos embates. E é desses encontros que iremos tratar a seguir. Levantando a questão da memória do corpo, que é, necessariamente, social. Inclusive, Schatzman (1973) dirá acerca disso, que aquilo que o social diz a nosso respeito, tornam-se frases que corporificamos ao longo da nossa história. Para nós, se faz necessário compreender este processo, esta incursão de outro em nós, que fala de nós, antes de sermos um corpo consciente. Se podemos conjecturar a existência de uma

memória corporal arcaica, torna-se fundamental o estudo desses primeiros tempos, dessas primeiras inscrições que toleramos no corpo.

Algumas palavras que ouvimos, principalmente se ouvidas com frequência e na infância, podem ser codificadas e transformadas, armazenadas e depois, dissimuladamente, recuperadas e reexperimentadas. Acredito que todas pessoas, durante um certo tempo, e algumas durante quase o tempo inteiro, periodicamente experimentam dentro de seus corpos o significado literal de determinadas frases, constantemente repetidas na infância (Schautzan *apud* Boadella, 1992, p.150).

2.2 Memória Corporal e Corpo Social

Todo corpo é marcado por trocas sociais. Sendo assim, suas inscrições, marcas e imposições sociais apontam para a dialética interminável entre o corpo e o coletivo. O homem no decurso de sua história individual/coletiva incorpora mandatos sociais/culturais que transpiram por seu corpo, fazendo deste um espelho que reflete os pensamentos materializados em palavras, gestos e atos.

O corpo — e tudo o que diz respeito ao corpo, a alimentação, o clima, o solo — é o lugar da Herkunft: sobre o corpo se encontra o estigma dos acontecimentos passados do mesmo modo que dele nascem os desejos, os desfalecimentos e os erros; nele também eles se atam e de repente se exprimem, mas nele também eles se desatam, entram em luta, se apagam uns aos outros e continuam seu insuperável conflito (Foucault, 1990, p. 15).

Foucault (1990) aprofunda sua análise acerca da memória enquanto um processo corporal decorrente de pressões sociais. É na superfície dos corpos que os acontecimentos se inscrevem [...]—demostrando que o corpo é inteiramente marcado de história e é esta própria história que vem arruinando o corpo (p.15) . Quando nesta pesquisa nos propomos a abordar de alguma forma o corpo ressaltando a força ou a potência dos corpos, não estamos com isso nos apoiando nas concepções atuais de corpo, no sentido da valorização do corpo físico, dos padrões de corpos perfeitos. Neste sentido o mesmo Foucault nos faz recordar que:

O ser humano é um ser social, histórico e que produz cultura, estando presente na vida social e na cultura de um determinado povo e, todavia, parece que a questão visa outra coisa: ela visa a potência do corpo em si mesma, independente do ato pelo qual se exprime. Mas, podemos interrogar a potência do corpo sem invocar o ato que exprimirá esta potência? (Lapoujade, 2002, p. 81)

Nos interessa refletir em toda a série de embates que este corpo vem sofrendo na atualidade, e, mais do que isso, o corpo tem sido lugar de discussão política, estética, ética e moral. O que anseia este corpo que também é, necessariamente, social marcando em si a contemporaneidade? Como se apresenta? Como existe, se transforma e, se expressa? Aposhyan (2001) destaca a contradição que nos encontramos hoje, –vivemos contraditoriamente, uma civilização de repressão ao corpo, não no sentido moral, porque o corpo é o maior objeto mercadológico, mas em termos de potência viva, de redescoberta da própria pessoa: sua unidade restaurada (cognição e afetividade), sua intimidade, sociabilidade e criatividade (Aposhyan, 2001 *apud* Silva & Col, 2007, p.2). O ideal aqui proposto é, portanto, problematizar as forças do corpo diante de uma –série de dispositivos socioculturais, semióticos, tecnológicos, econômicos, morais etc., que funcionam atualmente de maneira a monitorá-lo, regulá-lo, modelizá-lo, enfim, controlá-lo, reduzindo o corpo a um insípido organismo (Lins & Gadelha, 2002, p. 10).

Maria Augusta Salin Gonçalves (1994) aponta para um uso do corpo no sistema publicitário no qual insere-se uma tendência mais ampla da sociedade contemporânea: a preocupação exacerbada com o corpo. Couy (2006) nos fornece alguns indicativos de que o corpo é aquele:

Modificado por meio de intervenções cirúrgicas cada vez mais avançadas, o corpo escarificado no qual cicatrizes são voluntariamente induzidas, o corpo customizado, feito sob medida e recriado pelo próprio indivíduo, o corpo brandido, onde queimaduras são provocadas, o corpo midiaticizado, esculpido segundo os padrões dos meios de comunicação de massa (p.2).

Contudo o corpo, que é submetido ao controle de um racionalismo dominante, pode se rebelar e se transformar no centro das atenções. Nos importa refletir, afinal o que pode o corpo? E que atenção é esta que ele vem recebendo?

Desejamos indicar o corpo como lugar privilegiado onde opera a cultura, a mídia, a tecnologia, os padrões estéticos, contudo, guardando as devidas proporções. Mas de alguma forma me apego ao que diria Winnicott (1949/2000) — Ao discutirmos um tema específico qualquer não precisamos ter medo de, temporariamente, dar a impressão de o estarmos supervalorizando (p.258).

Como podemos pensar memória corporal e corpo social como conceitos estanques? Para nós o corpo é memória, que expõe a sua história, e o corpo social se entrelaça neste caminho como uma via de mão dupla. De acordo com Silva (2009) — o corpo social refere-se

à dimensão do corpo na qual é possível perceber as inscrições e marcas sociais e está ligado à ideia de que o corpo é construído pela sociedade (p. 2).

A maneira como o coletivo parece se estruturar para a constituição de um macro corpo ou um corpo que deixou de ser individual, se é que um dia ele foi, restrito a esfera do privado, passou a responder por um chamado Corpo Social muito maior. E para que? E a quem serve essa uniformização? Neste exato momento nos importa pensar onde isso vai parar, esse investimento maciço vai produzir potência? Don Johnson (1990) sugere que — a modelação do corpo torna-se de uma importância crucial na organização e na manutenção do poder (p. 81). Então, aqui nos indagamos se este mesmo corpo que é capturado pela biomedicina, pela mídia, e bem como inovações tecnológicas, não é um corpo útil apenas para sustentar objetivos sociais dominantes? Será que não temos sido moldados para carregar um peso social e sustentar ideais conservadoras, ultrapassadas e que reafirmem o *status quo* vigente? Foucault (1990) em *Microfísica do Poder* vai dizer o seguinte: —acho que o grande fantasma é a ideia de um corpo social constituído pela universalidade das vontades. Ora, não é o consenso que faz surgir o corpo social, mas a materialidade do poder se exercendo sobre o próprio corpo dos indivíduos (p.82). Argumentamos que o corpo de cada um de nós é como uma estampa cultural, um emblema da sociedade que se insere, e que, portanto, o amolda, modula, manifestando em si os valores que conduzem a comunidade. A temática aqui tratada, a saber a memória, mas especialmente a memória corporal é de fundamental importância quando nos referimos a constituição da própria consciência de si, assim como para construção social, como evidenciamos em outros momentos da presente pesquisa. Trevizan (2014) afirma que qualquer cultura só se mantém se seus elementos ou fundamentos forem perpetuados, preservados, memorizados.

Desde do princípio foi assim, reagimos às pressões culturais, sociais, e morais, nos conformamos, ou seja, assumimos uma outra forma de ser e estar, para lidar com as pressões, advindas da cultura, e com isso nos deformamos, abdicamos da vitalidade e da autonomia dos nossos corpos e assumimos posturas negadoras da própria vida.

Embora, tenhamos elaborado uma separação, para efeitos de compreensão do real, o fato é que há uma rede, ou melhor, uma teia que entrelaça, de um lado, o social produzindo sujeitos em massa — na verdade aqueles que de alguma forma aprenderam sobre domínio das massas, bem sabem que o corpo não é um dado factível, ele é modelado e contornado, em prol da cultura. Do outro lado, o corpo que é tecido, mas também é teia, é prolongamento do social que nos constitui, e, ao mesmo tempo, pode ser ruptura.

Se o corpo que é ruptura, também faz brotar, a partir, inclusive do que lhe é podado, dessas capturas por diversos atores, mencionados em outros momentos, o corpo arditosamente, não se deixa abater, está sempre co-criando, neste sentido pensamos o corpo enquanto resistência e algumas manifestações contemporâneas nos chamam atenção para vitalidade do corpo. Jacques (2009) traz um termo interessantíssimo para evocarmos a questão do corpo como lugar de inscrição das marcas da cidade que é o de *corpografia*, ou seja, a cidade é compreendida pelo corpo como um conjunto de categorias que se relacionam e o corpo expressa de alguma maneira essas relações. Segundo a autora citada: –a corpografia é uma cartografia corporal (ou corpo-cartografia, daí corpografia), ou seja, parte da hipótese de que a experiência urbana fica inscrita, em diversas escalas de temporalidade, no próprio corpo daquele que a experimenta (p.2). Dessa forma, a autora compreende que a cidade configura corpos, criando o solo fértil para que a contemporaneidade se manifeste, de tal forma que estes são e estão indissocialmente entrelaçados. Jacques (2009) chamará:

De corpografia urbana este tipo de cartografia realizada pelo e no corpo, ou seja, as diferentes memórias urbanas inscritas no corpo, o registro de experiências corporais da cidade, de uma espécie de grafia da cidade vivida que fica inscrita, mas, ao mesmo tempo configura o corpo de quem a experimenta. (p.5)

Ao retratarmos anteriormente a noção de corpo que nos orienta, abordamos a respeito do retrato histórico do corpo durante as gerações, o corpo além de tornar visível a história pessoal de cada um, traz consigo toda a manifestação do social, que ao longo dos tempos vai se transformando e assumindo diferentes formas de se comportar, corporalmente falando.

Concebemos que o corpo carrega impresso em si traços de uma memória e, este mesmo corpo individual, ao mesmo tempo, é necessariamente social, pois traz impresso traços, marcas de um coletivo. Por que afinal de contas, é também com o corpo que nos lembramos.

Compreendemos, que somos quem somos, por intermédio do corpo que temos, e o corpo que é presença pessoal, mas que, ao mesmo tempo, revela e manifesta algo do grupamento social ao qual se insere. Estas escritas do/no corpo, ou *corpografias*, como chama Jacques, trazem a necessidade de esclarecermos de que corpo estamos abordando aqui neste capítulo, de um –corpomentel energético que constrói sua própria história, que é construção, é também produção e que pede passagem, –corpo compreendido como superfície, como linguagem, como desejo, como lugar de produção de sentido (Jacques, 2009, p.7) e que não pode ser compreendido senão como constituinte do corpo social. Assim, a memória do corpo

pessoal é necessariamente memória do corpo social, sendo esta inescapavelmente produtora da primeira.

3. Do Corpo em Contato e da Potência

Me comprem, me vendem, e me estragam[...]

E meus amigos parecem ter medo

De quem pensa diferente, nos querem todos iguais

Assim é bem mais fácil nos controlar

Aloha (Renato Russo)

-O fascismo que está em todos nós, que martela nossos espíritos e nossas condutas cotidianas, o fascismo que nos faz amar o poder, desejar esta coisa que nos domina e nos explora (Foucault, 1991, p. 198). É com essa provocação que nos interessa pensar a respeito desse projeto fascista que ameaça, também, tomar o controle dos corpos. E que controle é esse de que falamos, que nos parece não está apenas por cima ou por fora, mas, senão dentro? Algo muito semelhante ao que diz Lapoujade -Os corpos não se formam mais, mas cedem progressivamente a toda sorte de deformações. Eles não conseguem mais ficar em pé nem ser atléticos (Lapoujade, 2002, p. 82). Dito isto, gostaríamos de fazer uso da referência de corpo cunhada por David Lapoujade -o corpo é aquele que não aguenta mais (Lapoujade, 2002, p. 82). Dito isto, gostaríamos de fazer uso da referência de corpo cunhada por David Lapoujade -o corpo é aquele que não aguenta mais (Lapoujade, 2002, p. 82). (...) -O que é que o corpo não aguenta mais? Ele não aguenta mais tudo aquilo que o coage, por fora e por dentro (Lapoujade, 2002, p. 82). Esse coagir o corpo remonta tempo antigos, a respeito disso Dal Col (2003) acrescenta:

Essa recusa ontológica do corpo, ao longo da história, remete aos tempos atuais outro paradoxo na dialética da corporeidade: falo do culto ao corpo. Há um higienismo e, porque não dizer, um eugenismo, contemporâneos, verdadeiramente assustadores, onde impera uma compreensão de corpo como santuário do músculo, como emblema da cultura, da aparência regulada por um ciclo de absorção e eliminação, tanto orgânica quanto econômica. O higienismo e o eugenismo revelam a identidade narcísica de homens e mulheres nos dias atuais. Pode-se apreciá-los em academias, clínicas estéticas, nos consultórios de médicos e cirurgiões plásticos, numa súbita busca pelo corpo perfeito. Toda essa ideologia narcísica é alimentada por um mercado que sobrevive dessa estranheza ao próprio corpo, dessa insatisfação com as próprias formas. O paradigma do higienismo e do eugenismo é reforçado, ou quiçá construído, por uma mídia que desfila corpos esguios como uma pretensa exemplificação do belo. Com suas medidas exatas e músculos a mostra, os corpos, símbolos da perfeição, despertam o descontentamento e acionam um narcisismo-hedonista (p.36).

Essa compreensão do corpo meramente como performático, símbolo de perfeição como muito bem descreveu Dal Col (2003), é o que nos faz pensar como o corpo em todas as suas virtualidades vem sendo precisamente comprimido, e a experiência genuína, a intimidade e autenticidade do eu, a capacidade de se envolver sem se perder, de se entregar sem se abandonar postas de lado, a convite da cultura de massificação da subjetividade

Todas as facetas da existência foram tomadas de assalto pelo o poder, ele as mobilizou inteiramente pondo-as seu serviço, nem mesmo o corpo, o psiquismo e a afetividade escaparam, tudo isso foi violado, invadido e penetrado e quando não declaradamente desapropriado pelos poderes. Deste modo, Pelbart (2008, p.2) afirma que –os mecanismos diversos pelos quais tais poderes se exercem são anônimos, esparramados, flexíveis, rizomáticos. O próprio poder se tornou "pós-moderno", ondulante, acentrado. Desta forma, os mecanismos de poder que se exercem sobre os corpos, não mais com o intuito de docilizá-los, mais de os tornar esguios, musculosos, esteticamente perfeitos. O que atualmente intuimos é que se objetiva disseminar uma pseudopotência dos corpos seja pelos contornos que ele exprime, ou por quanto que ele vende, ou mesmo de que discursos ele se reveste para apoiar ideologias, inovações midiáticas, instâncias ético-políticas. Assinalamos que a excessiva valorização do corpo esconde no fundo a intenção de manipulá-lo, de, reduzir o corpo à mera materialidade que com isso se desvincula da subjetividade que o anima, remontando mais uma vez a dissociação entre razão e afetividade, entre afetividade e sexualidade, entre individualidade e alteridade. Maria Augusta Salin Gonçalves (1994) expressa de forma belíssima o que vem a ser essa da potência genuína do corpo em Pensar, Sentir e Agir:

Ser no mundo com o corpo significa estar aberto ao mundo e, ao mesmo tempo, vivenciar o corpo na intimidade do Eu: sua beleza, sua plasticidade, seu movimento, prazer, dor, harmonia, cansaço, recolhimento e contemplação. Ser-no-mundo com o corpo significa a presença viva do prazer e da dor, do amor e do ódio, da alegria e da depressão, do isolamento e do comprometimento. Ser-no-mundo com o corpo significa movimento, busca e abertura de possibilidades, significa penetrar no mundo, e, a todo momento criar o novo. Ser-no-mundo com o corpo significa a presença viva da temporalidade, que se concretiza, primeiramente, por um crescer de possibilidades, ao atuar no mundo, e, depois progressivamente, por uma consciência das limitações que o ciclo de nossa vida corporal nos impõem. Ser-no-mundo com um corpo significa a presença constante da ameaça de seu perecimento pela doença e pela morte (p.103).

Nietzsche (1976) coloca em evidência a potência do corpo e, de forma irônica, elabora um novo imperativo categórico em contraposição ao imperativo moral. Cria Zaratustra, que assim falou:

Quero dizer a minha palavra aos desprezadores do corpo. Não devem, a meu ver, mudar o que aprenderam ou ensinaram, mas, apenas, dizer adeus ao seu corpo – e, por conseguinte, ficarem mudos. –Eu sou corpo e alma!– Mas o homem já desperto, o sabedor, diz: –Eu sou todo corpo e nada além disso; e alma é somente uma palavra para alguma coisa no corpo (p.24).

A autora Ivanise Fontes (2010) no capítulo intitulado Corpo Mascarado e o Tempo Sensível, ancora-se na ideia de que a vida interior, ou eu, vem sofrendo uma espécie de apagamento, um arrefecimento, gerando uma condição do que Reich chamou de couraça, e essa, ainda que necessária em certa medida ao sistema de proteção do eu, se forma para imobilizar ou entorpecer o ser humano. Então, como forma de garantir ou resguardar a riqueza da vida psíquica, os sujeitos passam a fazer exageradamente intervenções inadequadas e superficiais sobre o corpo. É como se o eu, grudasse na exterioridade expressando assim inteiramente o que vem a ser a subjetividade desse sujeito. Contudo, a percepção de se estar desencaixado, o isolamento, o sentimento de menos valia, persiste. Porque este corpo encouraçado, e até mesmo performático marcado e transformado pela contemporaneidade se torna inacessível, e alheio às suas próprias sensações, enrijece, dessensibiliza-se impedindo o acesso livre do corpo à psique.

A afirmação de Foucault é que para cada investida do poder visando o aprisionamento dos corpos, há um contra-ataque dos corpos, o poder não só gera repressões ou legítimos comportamentos em detrimento de outros, como também, cria, produz, inova a nível de desejo. Como descrevemos, os mecanismos de poder pelos quais os apoderamentos se dão, são esparramados, interpenetrando as esferas elementares da vida humana, ainda assim, apostamos, tal como Foucault, que o corpo pode se rebelar, e produzir-se a partir disso. Para que o homem moderno consiga afirmar-se é essencial que suas sensações e percepções produzam novos sentidos e não somente discursos atrelados ao conservadorismo, como também, a liberação da energia somática que é retida por modos de existir já dados. De certo que a captura dos corpos e de suas multiplicidades acontece, mas não se dá integralmente, mesmo quando se domina, há sempre algo que escapa.

Tocar na questão do poder aqui, nesta pesquisa, vai muito além de mencioná-lo em sua força concreta, que parece se exercer de maneira dominante e contundente sobre os corpos,

mas é considerá-lo no seu sentido metafísico, acentrado, pensando no jogo de forças que dele emana, o poder que é fluido, impalpável, mas que choca e afeta sutilmente o corpo em seu aspecto virtual.

Seguindo nesta linha de argumentação a construção social tem em vista a produção de subjetividades, daquilo que está cristalizado, para que aquilo que é e as mantem, continue sendo e as mantendo, a fim de não dar passagens ao novo, ao que pode vir à tona. De acordo com Guatarri & Rolnik (1996), o processo de produção de subjetividades, é um processo essencialmente, político e coletivo, mas que de maneira nenhuma pode ser caracterizado por um processo, simples e claro, mas por uma conjunção de forças e agentes diversos.

Essas conjunções de forças são exercidas por todos os lados, constituindo assim o que Guattari (1996) chamou de -produção de subjetividade social (p.16), de acordo com este autor a subjetividade é assim fabricada e atravessada pelo social, mas pensar que proporções isto atingiu nos tempos atuais, é o que de fato, nos importa. De acordo com o autor mencionado esta produção de subjetividades tomou proporções assombrosas. Apesar, destas investidas este corpo que não é meramente passivo, traz consigo uma potência inerente; içamos o corpo nestes processos de atravessamentos diversos, de interpenetrações que ele está submetido, mas que com isso vem sendo criado, e é evidente que este processo é dinâmico, que ora caminha para dar lugar a potência e ora se vê flertando com a não-potência. Nessa história toda de elencar o corpo não estamos, no entanto, nos preocupando com a forma que seria apenas um movimento estático, mas, para além disso, algo que corta e faz cortar, que mina e faz jorrar algo da ordem da invenção, que nada mais é do que o corpo buscando escapar as apreensões desses poderes.

É o que Sander (2009) chama de potência criativa, apontando que distintos modos de relação entre, cultura, subjetividade e corpo, podem fomentar o encontro de novos *possíveis*. É esta miscelânea que faz também surgir um corpo sensível, inventivo e potente.

As autoras Bertherart & Bernstein (1987) nos convidam a encarar o corpo como o nosso lar, nosso lugar de morada, morada essa que passamos a ser meros visitantes, não chegamos a morar nele, no lugar onde se abarca as mais recônditas impressões da nossa existência. Nossas referências para se pensar o poder estão agora ancoradas no corpo, por ser ele, lugar de revolta, de discursos, de interdição que penetra e pretende capturar nosso lugar de morada. Para nós ainda que o corpo seja ameaçado pelo poder, e por todos os mecanismos que o afeta, e ainda que o poder ameace suas virtualidades, multiplicidades, isto não se dá sem que o corpo produza, a partir disso, novas maneiras, advindas justamente, destas tensões, destes choques. Diante disso o poder também pode fraquejar e não só suscitar a repressão,

mas como também a produção. Neste sentido, reivindicamos o corpo como potência, e se o corpo é potência, ele vai ser envolvido, criado e recriado o tempo inteiro pelos acontecimentos.

É a descoberta de novos possíveis. Ou ainda, limiares. Pois as artes nos dão pistas de zonas limítrofes, das bordas. No caso das artes do corpo, elas podem indicar pontos de encontros e desencontros, entre pensamento e corpo, e dessa forma nos auxiliarem a problematizar a dimensão intensiva dos nossos corpos-subjetividades (Sander, 2009, p.390).

Atualmente, talvez como nunca antes, fala-se tanto do corpo, de gêneros e de poder. Eclodindo dentro deste contexto, é o corpo que se torna o próprio campo de batalha de onde emergirão estes conflitos. Se outrora símbolos de prestígio ou poder agregavam valor e um certo lugar ao corpo, ao contrário disso, hoje em dia, é o próprio corpo objeto de valor. Mas apenas o corpo enquanto materialidade vem ganhando a cena, o corpo energético como expressão da vivacidade e espontaneidade do ser é que vemos sucumbir diante de todas as formas de capturas e diversas forças que exercem imperativos sobre o corpo desde muito cedo. A dificuldade que enfrentamos na direção de não afirmar e mesmo vivenciar as sensações que surgem no nosso próprio corpo, as quais desde de muito cedo são censuradas, são percebidas desde o primeiro enlace social do qual estamos inseridos, a família, e isso é muito claro, remontando às resistências e negações que nossos próprios pais também vivenciaram em seus corpos. Como conseguiriam eles nos guiar para um caminho que a potência do corpo seja vislumbrada?

Os pais reprimem a sexualidade das crianças pequenas e dos adolescentes, sem saber que o fazem obedecendo às injunções de uma sociedade mecanizada e autoritária. Com sua expressão natural bloqueada pelo ascetismo forçado, e em parte pela falta de uma atividade fecunda, as crianças desenvolvem pelos pais uma fixação pegajosa, marcada pelo desamparo e por sentimento de culpa. Isso, por sua vez, impede que se libertem da situação de infância, com todas as suas inibições e angústias sexuais concomitantes. As crianças educadas assim tornam-se adultos com neuroses de caráter, e depois transmitem suas neuroses a seus próprios filhos. Assim de geração em geração. Dessa forma é que se perpetua a tradição conservadora que teme a vida. Como, apesar disso, podem as pessoas se tornar — e permanecer — sãs? (Reich, 1975, p. 172).

A tentativa é acompanhar e compreender os moldes da educação sexual repressora dos corpos, e se possível apontar como estes modelos de sociedade produzem sujeitos poucos perceptivos de si mesmos e do mundo que os cerca, como podemos —já que nascemos potencialmente capazes, produtivos, e dotados de infinitas possibilidades de existir— nos preservar assim, se aqueles que ainda podem salvar a terra fértil para o futuro

florescimento estão também a mercê disso? Aqueles a quem é dado o privilégio de observar minuciosamente o processo autorregulatório do corpo, deveriam estar aptos a perceber que assim como uma orquestração meticulosa e perfeita se dá desde do ventre da mãe, há um caminho, uma rota em direção à potência, e se os caminhos para ela não forem obstruídos a potência percorre destilando uma força suficientemente capaz de produzir mudanças, experiências e sensações intensas a partir da corporeidade. Essa força, podemos traduzir, reichicamente falando, como energia e que de acordo com Reich, não é metafísica, mas existe no organismo vivo de forma concreta, e não só existe, como também cumpre uma função vital/natural regulando e se relacionando com todos os processos, tanto fisiológicos, quanto biológicos e psíquicos. Reich (1975) observou que energia, que não é nada mística, mas palpável, estava presente em tudo, no vivo e no não vivo e devia fluir livremente, correspondendo a um processo natural e que a repressão sexual tornava a pessoa –orgasticamente insatisfeita desenvolvendo um caráter artificial e um medo às reações espontâneas da vida; e assim, também, um medo de perceber suas próprias sensações vegetativas (p.132). Reich (1975) definiu como estase sexual o acúmulo dessa energia e esta retenção energética serviria de fonte, alimentando as neuroses. Pois bem, se afirmamos que a energia segue uma rota vitalmente estabelecida para que a saúde psíquica se manifeste, o que faz exatamente com que ela se desvirtue do seu caminho? Antes que possamos responder como se dá esse processo, precisaremos compreender alguns conceitos básicos do paradigma reichiano que os esclarece. O que Reich descreve como energia vital, que deveria poder fluir, seguindo o fluxo libidinal das exigências biológicas naturais é condenado pela moral compulsiva, e obedece precisamente às exigências socioeconômicas, cabe dizer que se a cultura reprime, os seus algozes são propriamente os pais. Estas interdições são experimentadas como bloqueio do fluxo natural dessa energia vital produzindo com isso a sensação muscular de tensão como também a sobrecarga de outras funções vegetativas. Essa seria a base do processo do encorajamento social.

O que para nós é importante compreender antes que voltemos a questão que encabeça esse capítulo, Reich (1975) vai discutir no capítulo VI intitulado como –uma revolução biológica abortada (em A Função do Orgasmo, contrariando as ideias correntes da época, a despeito da compreensão de que ciência e política são dois campos totalmente separados e não podem ser pensados interligadamente para se compreender os processos da vida e do trabalho. Em contraposição a isso Reich assume que –toda descoberta científica inclui uma pressuposição ideológica e uma consequência social prática (p.181), ou dizendo de outro

modo a democratização social do trabalho deveria fundar-se na felicidade cultural das massas por que estes são os conteúdos reais da vida e deveriam ser o alvo de uma política efetiva. Para Reich, de alguma maneira, a estruturação psíquica neurótica, é alimentada em parte, pelo caos social, e se assim é, a finalidade da educação era sustentar as ideologias do sistema social vigente.

Esse processo de com(formação) social descrito restringe a capacidade de expansão do vivo, diminuindo a possibilidade de sentir prazer. Reich presumiu então, que haveria uma antítese funcional entre angústia e sexualidade e que, conseqüentemente a respeito da motilidade vegetativa, quanto mais a sexualidade fosse reprimida na infância, tanto mais difícil poderia ser para o adolescente e o futuro adulto desenvolverem relações com o mundo, com seu trabalho e com os objetos de amor.

Reich (2004) afirma que a maior parte das pessoas são de fato muito menos potentes do que imaginam em seus sonhos e no entanto possuem muito mais atributos e capacidades do que as que conseguem traduzir em ações concretas. Essa é a contradição gritante que enfrenta o homem moderno, sendo essa a consequência de uma educação social negativa a respeito da sexualidade. Segundo Reich o sujeito se tornaria alienado das suas demandas vitais básicas, na medida que a energia sexual/ vital é reprimida socialmente, estes processos equivocados das formas de viver a sexualidade, impedem o fluir do novo, do que é autêntico e genuíno em nós. Fundadas nesta concepção se encontra a origem das distorções da estrutura humana, essas condições vão se tornando cada vez menos suportáveis pelo psiquismo e também tornam-se destrutivas no que diz respeito a convivência social. Dessa forma, — dado que o contato vegetativo imediato com o mundo foi mais ou menos destruído, quando seus vestígios restantes já não são mais suficientes para preservar a relação com o mundo externo, ou se desenvolvem *funções substitutas* ou há tentativas de estabelecer um *contato substituto*” (p.301). Como apontam as autoras Bertherart & Bernstein (1984) em vez de aprofundarmos —o conhecimento do próprio corpo e de percebê-lo de dentro, acrescentamos-lhe elementos na superfície (p. 84). Assim, traçamos um paralelo entre as autoras citadas e o conceito de *contato substituto* em Reich. De acordo, com o mesmo é possível estabelecer a diferença entre as manifestações de contato vegetativo direto, que flui genuinamente, e as relações substitutas não-genuínas, secundárias que são arrebatadoras e tomam de assalto as funções originais do contato vegetativo em nossas vidas de modo prático.

Para as autoras supracitadas, desconhecemos nosso próprio corpo, em decorrência disso não o possuímos e, portanto, não podemos conhecer a potência dele. Que corpo é esse que se afeta nos encontros? E o quanto esses atravessamentos do social o modificam? Segundo Reich (2004) na concepção das organizações sociais autoritárias, a vida viva, genuína, a que ele chamou de *vida vegetativa*, que deveria obedecer precisamente às exigências biológicas vitais, é compreendida como primitiva e animal e sendo assim, tornou-se também antagônica a *vida substituta*, traçada aos moldes da cultura, dada como plenamente desenvolvida. Mas na verdade — esta última, dado que se afastou da primeira e que representa apenas uma função substituta, e não uma continuação da primeira, é improdutiva, congelada em formas e fórmulas rígidas, desprovidas de frutos como uma planta seca (p.304).

Reich (2004) acrescenta:

Em termos de análise do caráter, a diferença entre o ritmo sexual vivo e charme sensual estudado; entre a dignidade natural, sem afetação, e a dignidade fingida; entre a modéstia genuína e a falsa; entre a expressão de vida genuína e a representada; entre o ritmo muscular vegetativo e o balançar dos quadris e o endireitamento dos ombros que tenta imitar o movimento espontâneo; entre a fidelidade que nasce da satisfação sexual e a que nasce do medo e da moral — poderíamos continuar indefinidamente — é a mesma diferença que existe entre uma estrutura psíquica revolucionária nascente e uma firmemente conservadora; entre uma vida viva e substitutos sem significação para a vida (p. 303).

Dessa maneira, o *contato substituto* explorado por Reich (2004) se torna uma espécie de solução de compromisso entre as exigências pulsionais básicas e o sistema social, para além disso, o que está no âmago do homem é claramente a vontade de viver e o medo da vida produzidos dentro de um contexto social específico e que, para isso, assume posturas negadoras da vida, da autonomia e potência do corpo e, conseqüentemente, —quanto mais desconhecemos o corpo, mais desconhecemos a vida (p.84). Sobretudo paira a impressão de uma vida pouco vivida, de uma existência pouco suficiente, de uma felicidade que está sempre na esquina seguinte, ou no instante que se passou, mas nunca no aqui e no agora.

Seria a educação social tradicional responsável por tornar as pessoas incapazes para o prazer de uma vida livre, viva e potente? De onde vem essa sensação de uma existência insuficiente que necessita muitas vezes de se revestir de um baluarte imagético na superfície do corpo para sentir-se então engatado na própria vida? Quanto a essa questão, Reich (1975) afirma que foi muito mal compreendido, por aqueles que julgavam suas ideias como utópicas e até mesmo grandiosas, pois diziam que Reich defendia a eliminação da insatisfação social

geral, e que apenas o prazer deveria ser salvaguardado. Entretanto, Reich era apenas categórico ao afirmar que — educação convencional torna as pessoas incapazes para o prazer encorajando-as contra o desprazer (p.175). Pode esse corpo ser revolucionário e não encarar a possibilidade de entrega, de contato pleno com o que faz, com o que sente, com o que se vincula? O que nos parece claro é que Reich propunha, com suas ideias, algo muito maior do que simplesmente uma perpétua alegria de viver somente, ou para usar seu termo uma vida inteiramente desencorajada, e puramente genital estrito-sexual, ele propunha o movimento, a fluidez de uma vida viva, ou seja, uma capacidade tal de abertura, quando fosse possível abrir, e uma capacidade tal de fechamento, quando fosse necessário fechar, e isso significa dizer que a saúde psíquica, caracteriza-se — pela alternância entre luta desagradável e a felicidade, entre o erro e a verdade, entre o ódio racional e o amor racional, em suma, pelo fato de se estar plenamente vivo em todas as situações da vida (p.175). Afirmamos no capítulo anterior que a memória do corpo pessoal é necessariamente memória do corpo social, sendo esta inseparavelmente produtora da primeira, afirmamos com isso que a possibilidade de potência deste corpo, possivelmente estaria atrelada ao sistema social vigente, e este é o que lhe causa desvios, distorções. Em linhas tão atuais, como se tivessem sido escritas ontem, Reich (1975) discorre sobre o assunto:

O assassinato da origem sexual, os abortos criminosos, a agonia sexual dos adolescentes, a destruição de todos os impulsos vitais nas crianças, as perversões em massa, a pornografia e a polícia de costumes que acompanha tudo isso, a exploração do profundo anseio humano de amor por uma vulgar e pruriente — indústria de consumidores por meio da propaganda comercial, milhões de enfermidades de natureza psicossomática, a solidão e a deformidade psíquica em toda parte e — acima de tudo isso — a politicagem neurótica dos pretensos salvadores da humanidade, dificilmente poderiam encara-se como modelos de uma civilização (p.197).

Resumindo, qualquer um que estiver desperto, percebe com clareza a problemática social que vivemos na atualidade, poderíamos acrescentar ainda tantas outras características que parecem ter sido intensificadas diante das contradições que estão nos sujeitando a viver, o homem teme e deseja, miseravelmente, a vida. Reich (2004) diria que — quem viaja num velho trecho hesita em deixá-lo até que surja um novo e melhor para transportá-lo com segurança a seu destino (p.304), mas, porventura, não haveriam rotas de fugas já que o quadro não nos parece animador?

Reich percebeu que com o trabalho caracterológico provocava irrupções da energia vegetativa, mas que ainda assim um resquício indefinível permanecia, inexplorado. Esse —

resíduo impalpável da couraça, ele denominou como de *falta de contato psíquico*. Já que a energia aprisionada sustenta a couraça muscular, todas as maneiras ou formas de entrega se tornam parciais e improdutivas, provocando bloqueios ou distorções na função vital. Ele descreveu assim: pode-se observar as exigências recalcadas, em seguida — as forças recalcadoras e por sua vez uma camada da estrutura psíquica entre as duas primeiras — a *falta de contato* — que, de início, aparece não como uma composição de forças dinâmicas, e sim como manifestação estática e rígida (p.291). A dissociação e ambivalência que enfrenta o homem moderno, como apontamos no início do presente capítulo são para nós também possíveis indicativos de uma *falta de contato interno*, que visa estabelecer um equilíbrio da seguinte maneira: a força frustrante de um lado e a força pulsional de um outro, gerando uma imobilidade no fluxo libidinal natural, essa energia acumulada é que parece manter as fixações existentes nas etapas psicosexuais do desenvolvimento. O homem moderno se vê obrigado a negar suas próprias leis biológicas, a força pulsional intrínseca à sua natureza e as implicações disso é vivenciar uma natureza superficial, não autêntica.

E qual é precisamente a questão que se coloca? Dado que este é o modelo de sociedade civilizada que temos e que impõe seu estatuto de moralidade, sustentando práticas que são sutis, mais que visam entorpecer e amedrontar a *vida vegetativa* do homem. A estrutura psíquica de acordo com Reich (1975) por consequência funda-se sob três esferas, vamos dizer assim, a mais superficial dando origem as *formações vegetativas substitutivas*, que mascaram atitudes de falsa sociabilidade, polidez e autocontrole. Fundada abaixo dessa esfera superficial estão as pulsões que se recalam ou são encobertas, toda sorte de perversões e sensualidade que este homem é obrigado a negociar, quando não censurar, esta esfera é artificialmente produzida pela cultura, quando priva o homem de contato direto com suas leis naturais, essas privações todas lhe são impostas e nocivas, contudo, é o que o homem distante de si mesmo não pode pressentir conscientemente, mas o hiato entre aquilo que ainda é sentido e o que lhe é permitido viver esse sim, é experimentado como vazio interno ou mesmo uma sensação de bloqueio afetivo. Esta é a base que mantêm a estrutura psíquica de um *contato substituto*, configurando assim os sintomas e consumindo energia, atuando como defesa e inclusive distanciando o homem da última e mais profunda esfera o *contato psíquico interno*. As duas esferas mais superficiais, vamos dizer assim, é o que nos interessa para descrever os movimentos que fazem o homem moderno temer e desejar ardentemente a vida, almejar a liberdade e paralelamente temer a responsabilidade, desejar a verdade e se atirar cegamente às

fábulas místicas, são justamente essas defesas, modos não fluidos de existir que tornaram o homem encouraçado, incapaz de reconhecer sua responsabilidade perante a sua própria vida.

Reich (1975) nos ajuda a compreender esse caos social, como ele chamou, do seguinte modo: a estase sexual, que seria a contenção dessa energia, a energia de vida — é o resultado de uma perturbação da função do orgasmo (p.136). Ora, a energia de vida (sexual) que fica represada e não encontra vias de expressão direta, o que acontece com ela? Se dissipa? Obviamente que não! Logo o que permanece nutrindo todo esse processo de caos social e mazela pessoal é esse reservatório de energia vegetativa represada, assim também como um caminho para — cural está em sua dissolução. Além de sustentar o caos social de modo geral, também alimenta as defesas e as formações reativas e Reich (1975) assinala que essa energia que sobrecarrega o sistema vegetativo, com a energia sexual que foi represada, é o mecanismo primordial da angústia. Em suma, as energias genitais que foram bruscamente frustradas, agora se tornam destrutivas e não há uma conversão da excitação sexual como poderíamos pensar, pelo fato de serem elas expressões da mesma energia, que dadas as circunstâncias aparece como angústia, e em situações de expansão e relaxamento, por exemplo, aparece seu exato oposto, o prazer. E o que a satisfação sexual orgástica tem em comum com o prazer de viver que o homem tanto almeja experimentar?

A inibição aumenta a estase de excitação; a estase aumentada enfraquece a capacidade do organismo de reduzir a estase. Em consequência, o orgasmo adquire um medo da excitação; em outras palavras, angústia sexual. Por isso, a angústia sexual é causada por uma frustração externa da satisfação do instinto e é internamente ancorada pelo medo da excitação sexual represada. Isso leva à angústia do orgasmo, que é o medo do ego à excitação excessivamente poderosa do sistema genital, isso se deve ao seu desconhecimento da experiência de prazer. A angústia de orgasmo constitui o cerne da universal e biologicamente ancorada angústia de prazer (p.142).

O que vai ocorrer é que esse mecanismo vai se alastrar e tomar conta não somente das relações estritamente sexuais, mas uma angústia generalizada sob todas as formas de sensações vegetativas do organismo ou mesmo a percepção dessas sensações que parecem intensas demais para que o ego suporte e uma — extrema angústia de orgasmo forma a base do medo generalizado à vida (p. 142). Resumindo, a estase sexual represada cria ou sustenta a neurose, esta por sua vez, funda-se numa base biofísica impedindo que a motilidade vegetativa do organismo se manifeste de maneira fluída. Com fluidez queremos dizer, uma certa capacidade de experimentar a expansão agradável ou a contração angustiante que são as

funções básicas da vida, em consonância com as demandas externas envolvidas. E este modo rígido ou afrouxado que o sujeito encena, remonta ou dramatiza nutre, deste modo, uma *couraça de caráter* específica que, como vai dizer Reich (1975), foi sendo constituída num contexto histórico onde se deu conflito entre um empenho libidinal e uma severa frustração do meio externo sobre o indivíduo em uma determinada idade, e que vai sempre:

Deixar atrás de si um vestígio no caráter do indivíduo. Esse vestígio se revela com um enrijecimento do caráter. Funciona automaticamente e é difícil eliminar. O paciente não o sente como algo alheio; frequentemente; porém percebe-o como uma rigidez ou como uma perda de espontaneidade. Cada um desses estratos de estrutura de caráter é uma parte da história da vida do indivíduo conservada e, de uma outra forma, ativa no presente. A experiência mostrou que os conflitos antigos podem ser facilmente reativados pela liberação desses estratos. Se os estratos eram especialmente numerosos e funcionavam automaticamente, se forma uma unidade compacta e não facilmente penetrável, o paciente os sentia como uma *couraça* rodeando o organismo vivo. Sua função em todos os casos era proteger o indivíduo contra experiências desagradáveis. Entretanto, acarretava também uma redução da capacidade do organismo para o prazer (p. 129-130).

Vivemos atualmente no auge dos imperativos de prazer. Era este tipo de liberação sexual que propunha o paradigma reichiano? Certamente não. Como observamos, Reich propõe irmos na direção da entrega, do envolvimento fluido com os diversos vínculos na vida. Ainda assim, podemos continuar apostando na potência do corpo? No resgate da memória do corpo, sem, antes, contudo restaurar/liberar a *energia vegetativa* retida por esses aprisionamentos em prol do –progresso sociall, como descreveu Reich?

Necessariamente, precisaríamos reconhecer a potência do corpo, para, só então, apostarmos que tal potência traz consigo também a capacidade de resguardar impressões tão arcaicas. Assim, se o corpo é potente, ele é, também, capaz de impregnar-se dessas marcas, inscritas primitivamente em sua história. Imaginem como seria para esses aparatos aprisionadores (mídia, ciência, política e cultura) das formas de expressões do corpo e do ser, se essas formas pudessem ser incrivelmente inventivas, revolucionárias, experimentando novas formas de existir e variadas possibilidades de experimentar-se. Ao abrir fissuras nos moldes dados e aceitos como imutáveis, como seria se o corpo não estivesse afastado de sua potência? Como o corpo energético aparece neste cenário? Que outro corpo é esse no qual faz

plausível o resgate de sua memória? Que situações ela atualiza ou revigora? Certamente um corpo potente pode ter uma forma, mas deve estar para além da forma e não à mercê dela.

Diante desse quadro pintado nos moldes atuais, a aposta possível é que o corpo possa ser encarado ou mesmo encorajado a resgatar sua memória de criação, memória de potência, e bancando assim o poder que há nos corpos enquanto instrumento de desejo, força e criação. A potência do corpo, essencialmente, é a de florescer, de brotar, de gerar acontecimentos e justamente do que lhe acontece, produzir acontecimentos outros. Para nós, nos interessa a potência de criação que advém desse corpo, não como que exportada, serializada, corpo forma cristalizada, corpo performance, mas algo da ordem da invenção, que não está dado e acabado, mas que é singular e, ao mesmo tempo, múltiplo.

4. Dos Corpos Sensíveis nas Telas

Com intuito de trazer à tona estas questões referentes à memória de marcas, nos utilizaremos de alguns extratos e sinopses de filmes que talvez possam nos permitir conjecturar e relacionar com a considerações aqui já mencionadas. Ao longo desta pesquisa nos foi claro o quanto que a temática se mostrou custosa. Bancar certas afirmações diante da literatura pouco aprofundada a respeito vem sendo um desafio, no entanto, sempre há escapes, há sempre um modo de –se sair à francesall, e o modo escolhido aqui, não sei se podemos dizer assim, foi o da arte, porque para nós a arte é tudo o que a vida, não consegue dar conta de expressar, explicar ou compreender. A arte é o ímpeto da não palavra, é a coisa por trás daquilo que não se consegue ver com olhos, é uma espécie de prolongamento da vida, quando esta não é capaz de comportar e manifestar tudo que nos escapa, nos comove, nos confronta, nos ameaça, nos incomoda. E como diria Manuel de Barros (2010):

A expressão reta não sonha. Não use o traço acostumado. A força de um artista vem das suas derrotas. Só a alma atormentada pode trazer para a voz um formato de pássaro. Arte não tem pensa: O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê. É preciso transver o mundo (p.75).

Com o advento da era digital, a inserção de recursos audiovisuais, em apresentações, seminários, palestras, aulas tem se tornado cada vez mais presente. A relação entre psicologia e cinema tem sido crescente, cineastas vem trabalhando com efeitos psicológicos e talvez por isso a utilização de filmes nos trabalhos científicos tem se mostrado um recurso potente. Como Mimura (2011) afirma, o enfoque dado as interpretações dos filmes no âmbito acadêmico tem como intuito explicar conhecimentos filosóficos ou conteúdo de áreas afins,

vamos dizer assim, e não propriamente tomar como referência as análises de cinema. Com base nisso pensamos em decompor as cenas que nos interessam e de alguma maneira estabelecer possíveis relações com as memórias advindas do corpo, especialmente por vias sensoriais. Intuímos e nos perguntamos quando é que a arte cumpre seu papel e pode dar-se por satisfeita? Na filmografia podemos dizer que é quando a história encenada permite abstrações para além daquelas que estão contidas no produto final do filme e que talvez nem o próprio autor tenha tentado inicialmente contar. O mesmo se dá com a arte de um modo geral, o artista que compõe, esculpe, pinta, dramatiza, não pode de antemão supor a força com que a sua obra vai ter ou ser capaz de disparar sensações, ideias, imagens, ressoar na história daquele que a acessa e costurar retalhos perdidos.

Adotamos um método semelhante ao que Resende (1994) propõe em sua tese, onde trechos de filmes são descritos e as imagens conseguem operar com perfeição no que se propõe tratar, para que logo em seguida tais recursos sirvam de suporte para discutirmos a temática que abordamos (Resende *apud* Carvalho, 2009, p. 202).

O procedimento aqui é antes o de extirpar determinados trechos dos filmes, sem que se faça qualquer relação com o restante do filme ou a estrutura do próprio filme e que se detenha na produção de diálogos[...] Segue-se a partir daí todo um arrazoado de considerações que não possuem mais qualquer vínculo com o filme ou sua narrativa (p.202).

Ao longo desta pesquisa tínhamos claro um objeto, mas o que não era suficientemente claro era: como poderíamos alcançá-lo? Como poderíamos apreendê-lo? Às vezes se sabe muito bem onde se quer ir, no entanto, não fazemos ideia de como chegar. Mesmo numa pesquisa como essa, em que as formas de alguma maneira são estabelecidas previamente, os caminhos nunca são dados, apenas parece que são. Estamos e vamos tateando as estradas a cada correção, os ajustes indicam novas rotas de um processo vivo e dinâmico. E em algum momento nos perguntamos: será que é plausível a discussão no que tange à memória corporal ganhar relevo e ser fortalecida com a presença dos filmes? Não foi certamente um presságio do acaso que nos tomou e nos fez estabelecer as relações que julgamos aqui possíveis, antes de mais nada as bases que nos permitiram fazer estas relações foram pautadas e fomentadas por experiências cotidianas interessantes que nos fizeram atinar os ouvidos e farejar os rastros. De maneira nenhuma nos pareceu um caminho ingênuo ou simplório tomar a análise fílmica para debater a temática da memória corporal, principalmente pela -existência de pelo menos cinco expressões cinematográficas|| que de acordo com Carvalho (2009) são: -imagens, diálogos, ruídos, músicas e materiais escritos[...] o que torna a tarefa de análise do texto

cinematográfico duplamente árdua quando comparada à literária (p.207). No entanto, há análises possíveis para dissecar a temática sob outra óptica? Os autores Aumont e Marie (2004) vão dizer que –não existe, nem existirá, um método geral de análise de filmes. E que, portanto, podemos apenas contar com — análises singulares, inteiramente adequadas no seu método, extensão e objeto, ao filme particular de que [se] ocupam. E que por conta disso, –cada pesquisador deve se esforçar para construir o seu próprio modelo de análise, que, por sua vez, será válido apenas para o filme – ou fragmento dele – escolhido para ser analisado (Aumont e Marie *apud* Carreiro & Alvim, 2016 p.180). Pela literatura levantada percebemos que, embora seja cada vez mais frequente o uso de artifícios audiovisuais para composição de debates de temas específicos, há uma grande variedade de análises, de modo que não podemos encontrar um consenso.

Conforme Mimura (2011) afirma –não por acaso, [ser] muito difícil, em trabalhos desse viés, encontrar análises de filmes que fogem de certo esquema de narrativa, cujos princípios os tornam aptos a serem discutidos pelo seu conteúdo, a despeito da forma (Oliveira, *apud* Mimura, 2011, p.6). Trabalhamos as filmografias por que elas funcionam exatamente como disparadores da discussão do tema abordado. Por fim adotamos a Análise Fílmica, que de acordo com Gomes, fundamenta-se em métodos singulares de análise de cada filme, e que também não pretende uma uniformização da hermenêutica, mas sugere que tantas outras interpretações são possíveis e legítimas. Segundo Gomes (2004):

[...] pode-se considerar análise fílmica qualquer texto que fale de filmes e do que neles está contido, não importando propriamente o seu foco, alcance, profundidade e rigor, num arco que inclui desde o mero comentário, passando-se pela chamada crítica de cinema de tipo jornalístico, incluindo, por fim, até mesmo o estudo acadêmico, em toda sua variedade. (Gomes *apud* Mimura, 2011).

1º Filme: *O dia em que não nasci* (2010)

Sinopse: o filme conta a história de uma jovem alemã que acaba por descobrir sua verdadeira nacionalidade, como também, que é filha adotiva. Toda essa incrível descoberta é propiciada por conta de um choro de um bebê e da cantiga de ninar cantada pela mãe em uma língua latina, enquanto, no aeroporto, aguardava o voo para o seu destino. Neste instante, é tomada por um choro incontrolável no hall do aeroporto e acaba perdendo o voo. Então, permanece alguns dias na cidade, mesmo sem compreender e falar uma só palavra da língua

daquele país. Ao passear por aquela cidade, estranha, alheia e ao mesmo tempo familiar, inquietações surgem e possibilitam esta surpreendente descoberta.

Cena: a cena se passa no aeroporto, uma jovem alemã está sentada no *hall* do aeroporto esperando para pegar o seu voo e, então seguir o seu destino, enquanto, no fundo da cena, um bebê começa a chorar. Sua mãe com uma cantiga e com um leve balançar o acalma. Nota-se que mãe cantarola uma canção de ninar em uma língua latina, e a jovem alemã que, a princípio, não tem conhecimento algum da língua da qual ouve a canção, começa a balbuciar aquele canto, como se familiar fosse, e de repente, na cena seguinte, ela aparece no banheiro do aeroporto sendo tomada de um choro incontrolável. Por conta disso ela perde o voo e permanece sitiada num país onde não encontra ninguém que fale a sua língua de origem para que lhe ajude a sair dessa situação. Neste filme o que mobiliza a memória é a via auditiva, a lembrança surge pela via do que é sentido e não propriamente do que é lembrado. Ainda que a recordação não recaia sobre a experiência, mas o encontro com o aquele som, produz sentir, história, registro.

Ciro Marcondes Filho (2012) traz algumas reflexões interessantes a respeito do som, ele comenta que pela –espectroscopia fotoacústica podemos ouvir o som do sol, dos corpos celestes, de qualquer coisa que se movel, inclusive (p.53). E ele vai além disso, trazendo para nós algumas questões para pensarmos como o som pode tocar a nossa alma, e trazer músicas de uma história inaudível anteriormente.

Que sons dissolvem os olhares e morrem na sombra melodiosa do coração? Tudo toma voz timidamente, como se as coisas elevassem seus acordes ao céu. Como uma doença astral, quantas sensações turvas e finas aproximam você do segredo musical do ser. Será que você ouve os prantos etéreos de um mundo escondido? E o autor termina dizendo que tudo é som, que fora da matéria tudo é música (p. 53).

Sugerimos aqui, sem pretensão de sustentar uma verdade absoluta, que existe algo que escapa as formas de expressão meramente cognitivas, os sentidos podem relatar cenas, impressões ínfimas que nem mesmo aqueles que vivenciam podem compreender, ainda que com um esforço consciente.

2º Filme: *Como se Fosse a Primeira Vez* (2004).

Sinopse: A trama retrata a história de uma jovem que após sofrer um acidente grave, danifica uma parte do cérebro responsável por armazenar os eventos ocorridos durante o dia, isso faz com que a jovem não recorde eventos novos, torna a viver todos os dias como se fossem os mesmos. Até que ela se apaixona por um rapaz, que não sabe que será esquecido no dia seguinte. E a partir daí ele encara a incrível tarefa de conquistá-la todos os dias como se fosse a primeira vez.

Cena: após perceber que nem do seu grande amor irá recordar, no dia seguinte, a jovem decide esquecer esse romance de vez e ir para um centro de pintura e apagar as memórias que guardava –fora da cabeça num caderno onde colocava tudo que vivera com o amado. Ele ainda que contrariado por esta decisão, resigna-se, afinal de contas ela não lembrará dele mesmo, e ao partir, recebe do pai da jovem um cd com — música do casal. Ao se despedirem o pai deixa escapar que ela canta a música todos os dias em que acorda feliz. No meio do caminho ao se dar conta que de alguma maneira a jovem se recorda deles, ele decide voltar e ir atrás dela no centro de pintura, e, ao encontrá-la, ansiosamente, pergunta se ela se recorda dele, e para tristeza dele, ela responde que não, mais o convida para descer até o seu ateliê, e quando ele chega lá se depara com diversas pinturas do seu rosto, ainda que ela diga que não faz a menor ideia de quem ele seja, ela o pinta quase todos os dias. É interessante perceber neste trecho que a imagem vem, sem que com isso lhe traga a lembrança. Ainda que a memória lhe traia, ocultando a vivência atrelada a mesma, algo da ordem do sentir aparece na cena, e vem à tona pelos dedos que pintam e –não podem esquecer o que lhe marcou.

3º Filme: *Nas Profundezas do Mar sem Fim (1999)*

Sinopse: a trama gira em torno do rapto de um menino de 3 anos de idade. Beth, mãe de Vicent (6 anos), Ben (3 anos), e Karen (6 meses), está indo para uma tradicional reunião anual com seus ex colegas de classe. Naquele evento lotado de pessoas, o seu filho do meio de apenas 3 anos, simplesmente desaparece. Rapidamente a organização do evento anuncia o sumiço do menino e todos ali começam a procurá-lo no local, e durante algum tempo sem sucesso algum. Depois de 9 anos eles mudam de cidade e se deparam com um garoto com traços físicos semelhantes ao seu filho desaparecido, morando há duas quadras de onde moram. Diante disso, eles acionam a polícia responsável pelo o caso, e eles adotam os procedimentos necessários e confirmam que de fato, o menino é o filho do casal desaparecido há 9 anos atrás. Alguns conflitos começam a aparecer dentro da família e principalmente na

mente deste novo-antigo membro que começa a ter que se adaptar com esse novo lar, essa nova família e, paralelamente a isso, aprender a viver sem seu adotivo pai e seu velho lar.

Cena: O filho mais velho Vicent, acaba sendo preso por dirigir embriagado e bater em um carro, seu irmão do meio que havia decidido voltar para o pai adotivo, decide lhe fazer uma visita no presídio. Ben conta ao irmão que quando estava em casa com a mãe lhe mostrando as roupas deles quando eram bebês num velho baú, o cheiro das roupas lhe trouxe algo que pareceu uma lembrança que ele não sabia se de fato havia ocorrido. Então, Ben pergunta ao irmão mais velho — eu me lembrei do cheiro, de estar dentro do baú, de esconder-se, isso aconteceu mesmo? || O irmão mais velho confirma dizendo: –sim, você fechou o baú e o trinco travou e você estava lá e sem um pingão de medo. Ben, interrompe dizendo: –foi disso que eu me lembrei que eu não estava com medo por que eu sabia que você ia me achar||.

Gostaria de pensar a memória do cheiro neste caso como disparadoras de emoções, memórias e sensações. O que seria uma vaga ideia da sensação quase inexplicável que nos toma quando nos defrontamos com uma certa memória remota acionada por um cheiro, e que talvez nem seja a coisa em si, mas aquilo que a coisa desperta, isto é, a impressão que dela advém. No extrato que recortamos na cena anterior do baú, algo parece ser revisitado, ainda que a cena não nos leve para lembrança imediata, existe algo para além daquelas roupas velhas, que não é exatamente o cheiro, mais que é provocado a partir dele, que atualiza a experiência primária do menino, e aquilo que inicialmente era um cheiro, é reexperimentando como sentimento.

4º Filme-Documentário: Alive Inside: A Story of Music and Memory (2014) (Vivo por dentro: Uma história de música e memória).

Sinopse: o documentário demonstra a força de despertar que a música evoca, trazendo –de volta|| pessoas que de alguma maneira não se conectavam mais com o mundo. O documentário se passa numa instituição onde vivem pessoas com Alzheimer, perda de memória e demências. O criador da instituição Música e Memória luta para demonstrar que a música tem capacidade de contribuir com resultados impressionantes para os casos de perda de memória.

Cena: Henry é um senhor que está há 10 anos vive na casa de repouso, a filha conta que por causa de excessivas convulsões a mãe não conseguiu mais lidar com esses cuidados em casa. A filha conta que ele adorava música e que para cada ocasião tinha uma música que

cantava para ela e para irmão. A enfermeira, que cuida dele nas atividades diárias, conta ao Dr Sacks uma das músicas favoritas dele. O Dr Sacks nos conta a impressão inicial a respeito de Henry, –ele era inerte, talvez deprimido, sem reação e quase sem vida. A enfermeira, relata que comumente ele sentava com seus braços encolhidos sobre o peito e mal se comunicava com as pessoas e que também quase não era capaz de responder, apenas sim ou não diante de uma pergunta. O Dr Sacks acredita que a música é a arte vivificante e que naquele instante foi o que viu diante dos olhos deles, Henry ser vivificado, suas lembranças foram desenterradas e trazidas à tona como se nunca tivessem ido embora antes. Num turbilhão de emoção Henry dispara a falar sobre quando era jovem e o quanto gostava de música, de dançar e frequentar os festivais de sua época. Em dado momento do vídeo aquele senhor quase que catatônico, mesmo que sentado em sua habitual cadeira, começa a cantarolar e a se mexer ao som de sua canção favorita.

Em resumo, sabe-se que a música se faz presente em diversos contextos sociais em diferentes localidades (Davies, 2012 *apud* Rodrigues, 2018). Pesquisadores apontam que a música originou-se ainda em momentos pré-históricos e que pode ter sido ferramenta importante no processo evolutivo (Cross & Morley, 2008 *apud* Rodrigues, 2018, p.19).

Rodrigues (2018) argumenta que a música teria a capacidade de alterar os estados emocionais, entretanto a música influenciaria emoções diferentemente dos agentes indutivos diários, pois estaria fora do bloqueio das intenções racionais ou mesmo objetivos conscientes das pessoas. Foi realizado um experimento muito semelhante a proposta do Doutor Oliver Sacks. Só que medindo os níveis neuronais em cérebros saudáveis ou com algum tipo de doença ou lesão para compreender que áreas eram ativadas ou estimuladas diante de estímulos músicas.

Foi apontado que áreas ligadas à memória, orientação espacial, cognição, controle motor e emocional são ativadas durante a escuta, e conseqüentemente, processamento de uma música. Uma das vias de processamento da música é através do Circuito Límbico, que é responsável pela indução das emoções mais primitivas. Outra via de processamento engloba, o lobo frontal, lobo parietal, entre outras áreas que induzem à emoção através de identificação e associação da música a eventos vividos anteriormente produtores de emoções (Warren, 2008 *apud* Rodrigues, 2018).

Mais uma vez Reich (2004) contribui para compor um aspecto importante da compreensão de que o organismo vivo pode entrar em contato com marcas profundas, e isso, para além da linguagem verbal.

Qualquer pessoa que tem tendências musicais está familiarizada com o estado emocional provocado pela música. Porém, ao se tentar traduzir em palavras essas experiências emocionais, a percepção musical rebela-se. A música não tem palavras e quer continuar assim. Mas ela dá expressão ao movimento interno do organismo vivo, e escuta-la provoca a — sensação — de um —arrebato interno—. Geralmente descreve-se de duas maneiras a falta de palavras na música: 1) como marca de uma espiritualidade mística ou 2) como a expressão mais profunda de sentimentos impossíveis de traduzir em palavras (p.333).

Reich menciona aqui, tendências musicais. De fato, podemos notar que mesmo aquele que compõe, canta algo que foge a compreensão ou mesmo limitação da linguagem verbal, em contrapartida prefere ressaltar a — linguagem da expressão não-verbal —, Lulu Santos em — *Certas Coisas* — canta em palavras tudo que não pode ser dito: —Cada voz que canta o amor não diz tudo o que quer dizer. Tudo que cala, fala mais alto ao coração. Silenciosamente eu te falo com paixão. Eu te amo calado, como quem ouve uma sinfonia de silêncio e de luz. Nós somos medo e desejo, somos feitos de silêncio e som. Tem certas coisas que eu não sei dizer —.

5º Filme: *O Brilho Eterno de uma Mente sem Lembranças* (2004)

Sinopse: Joel e Clementine formavam um casal que durante anos tentaram fazer com que o relacionamento entre ambos desse certo. Desiludida com o fracasso, Clementine decide esquecer Joel para sempre e, para tanto, aceita se submeter a um tratamento experimental, que retira de sua memória os momentos vividos com ele. Após saber de sua atitude Joel entra em depressão, frustrado por ainda estar apaixonado por alguém que quer esquecê-lo. Decidido a superar a questão, Joel também se submete ao tratamento experimental. Porém ele acaba desistindo de tentar esquecê-la e começa a encaixar Clementine em momentos de sua memória os quais ela não participa.

O filme nos confronta com a possibilidade de seres humanos terem deletadas da memória lembranças indesejáveis que lhes causam dor, angústia e sofrimento. Há todo um processo de captação sensorial para decodificar as lembranças que incomodam o sujeito através de objetos que o levam a tais recordações que, de certa forma, o ferem ou apenas o fazem lembrar da pessoa que deseja apagar. Realizado isto, o indivíduo volta para sua casa, toma uma —droga — que o fará dormir e em seguida começa o processo, de exclusão dos fatos, que ele mesmo contratou e que após o —tratamento — o fará acordar no dia seguinte como se

nada tivesse acontecido. No caso do personagem Joel, após o início do tratamento, ele se arrepende ao perceber que sua amada, está sendo deletada de sua mente. Isso faz com que Joel se desespere ao perceber que uma parte boa de suas lembranças, juntamente com as ruins passarão a não mais existir. Começa aí uma luta frenética para tentar enganar a máquina que está apagando Clementine de sua mente. Joel elabora um mecanismo de levar Clementine para lembranças em que ela nunca esteve para que estas falsas lembranças sejam apagadas e não as verdadeiras. A máquina em questão consegue realmente apagar as lembranças de Joel, assim como a de Clementine. Mas o que a máquina não consegue fazer com a –máquina homem‖ é apagar o que realmente o diferencia da máquina. A conclusão que se pode chegar é que esses indivíduos sempre, caso se encontrem novamente, terão algum tipo de interesse despertado um pelo outro porque a máquina elimina as lembranças e não as preferências e as experiências adquiridas ao longo da vida. As informações podem até ser retiradas do homem, mas a impressão que fica é que, mesmo que infinitas vezes lembranças sejam deletadas, nunca conseguirão apagar a experiência vivida, que resulta no brilho humano. É justamente esse brilho que origina o título resumidor do filme: –Eterno Brilho de Uma Mente Sem Lembranças‖. A analogia é ainda que possamos, quem sabe um dia apagar as nossas memórias, jamais poderemos apagar o brilho das experiências que nos marcaram. Embora a pessoa possa ter sido apagada, os sentimentos e uma espécie de –perfumel‖ ligado a ela não o são.

Vislumbres de uma análise possível: nestes vislumbres a aposta possível se dá por via corporal e como toda aposta envolve riscos, aqui não seria diferente. No campo das coisas que não se pode traduzir tão somente, de modo racional a memória do corpo encontra seu lugar. Quanto a isso Antonello & Gondar (2012) dirão que: —a memória também se exerce sob uma parte do psiquismo que é irrepresentável, contendo outra forma de expressão que estaria mais ao lado do campo sensorial, devido à sua proximidade com a percepção e de sua relação com o corp‖ (p.136).

De acordo com Brito (2017) a memória se assenta num terreno que toma como via de expressão o corpo, portanto, podemos chamá-la de memória corporal. Conforme o seu ponto de vista, o corpo se mostraria como — uma espécie de caixa de ressonância do que se conserva enquanto memória literall‖ (p.140). Também Freud descreveu o ego como, antes de mais nada, um ego corporal, e é neste lugar que algo da representação escapa e pode vir a se abrigar. Reich (2004) afirma que ainda que a linguagem verbal possa expressar o estado emocional de forma aproximada, ela não o alcança e, portanto, não traduz exatamente esse estado em si.

Neste sentido, concebemos a linguagem verbal como uma camada mais superficial vamos dizer assim, e o sentir como sendo uma camada mais profunda, isso porque o funcionamento da vida antecede as formas de comunicação mais evoluídas como as que conhecemos hoje. Podemos concordar quando se diz que memória não se faz presente de uma só vez, mas diríamos que além disso, que ela se desnuda em camadas, em níveis de sensação sutis. Assim sendo, o que investigamos aqui é bem próximo da compreensão de Almeida (2017) de —uma memória-mundo presente nos corpos, que a cada movimento refaz ou recria a própria memória; ou na expressão de Régine Robin, como se o passado nevasse sobre nós (p.21). E esse mesmo passado que neva sobre nós atualiza e reexperimenta sensações vividas anteriormente, mesmo as inconscientes. Essas experiências sensíveis ou mesmo fragmentos de sensações imemorráveis podem ser catalizadoras e funcionam como surpresas ou recados da ordem do sentir que podem vir a emergir ou não, porque aquele que as vive não imagina ou prevê como e quando elas poderão lhe tomar. Na cena que escolhemos do filme *O Dia em que não nasci* (2010) a cantiga captura de maneira repentina a personagem mesmo que numa língua desconhecida. A sensação —sussurrall algo quase que incompreensível do qual não temos sequer algum esclarecimento do que de fato ocorre enquanto a personagem é tomada por aquele choro, nos resta seguir as pistas, seguir o estranhamento causado que permanece e intriga. Os vestígios dessas sensações —sem históriall vão sendo acompanhados, outras sensações novas e familiares ao mesmo tempo vão compondo o cenário de vivências tão primitivas que nem parecem ter sido de fato vividas. Normalmente as coisas manifestadas explicitamente se conhecem através das coisas que se manifestam claramente, em alguns casos, como nesta cena, a imagem das coisas serve justamente para simbolizar o oculto. Essas surpresas da ordem do sentir não satisfeitas forçam as buscas de sentido, de composição ou mesmo contornos que confirmam significado ao experimentado.

A sensação passada permanece em nós, e a memória involuntária a reencontra quando uma percepção presente a ela se refere, induzida pelo mesmo desejo. Uma associação de sensações ocorre, assim, por meio do espaço e do tempo: ligação, composição, reminiscência de desejos. (KRISTEVA, 1994, p.307 *apud* Almeida,2017, p 23).

No caso do primeiro filme a dimensão da memória corporal surge acionando as primeiras inscrições. Ainda que provavelmente tenham surgido num tempo da palavra falada da mãe, como bem aponta Meneses a palavra falada também traz uma carga corporal forte e em suas primeiras trocas, primeiros olhares, primeiras cantigas, esses encontros intensos fazem valer suas marcas no corpo com força avassaladora.

Boadella (1992) em *Correntes da Vida* é tomado pelas mesmas questões que nós: –em que estágio da formação de um corpo podemos falar de experiência, sensibilidade e memória primitiva? (p.35). Ele prossegue ao afirmar que [...]–a criança de dois anos já teve trinta e quatro meses de vivência corporal, dos quais dez meses foram passados dentro do útero (p.35). O autor nos endereça o seguinte questionamento: será que durante este tempo primordialmente rico e de crescimento gigantesco, visto que jamais cresceremos tão rápido comparado a qualquer outra etapa da vida quanto nesta primeira fase, não nos deixará marcas?

Essas memórias destilam um quantum energético de impressões sensíveis, de sutilezas que se expressam por imagens, códigos, símbolos que reivindicam seu decifrar dentro da história do sujeito. Como se atualizam essas memórias? Que ampliadores são acionados para que a experiência do corpo primitivo se afine com o corpo atual e preservem o frescor da sensação contidas nele? Almeida (2017) assume que esses encontros podem ser provocados, –através da escrita ou da pintura, do cinema ou das tecnologias, da experiência analítica ou dos acasos cotidianos (p.23) e, como sugerimos aqui anteriormente, a arte, de um modo geral, é movimento, é expressão, sobretudo quando ela funciona desnudando outra cena, revelando a coisa por trás da coisa em si. Para Reich (2004) é evidente que a linguagem deriva das sensações que são apreendidas pelos os órgãos do corpo. No movimento expressivo, então descrito pelo autor –a palavra sugere literalmente – e é assim que devemos considerá-la – que alguma coisa no sistema vivo _pressiona a si mesma para fora_ e, portanto, se _move_ Isso só pode significar o movimento, ou seja, a expansão ou contração do protoplasma. No sentido literal, _emoção_ significa _mover para fora_ (p.332).

No enredo de *Como se Fosse a Primeira Vez* (2004) há o uso de uma alegoria, de uma composição de eventos que talvez só possam ser vividos na trama para conferir romantismo e encantamento a história. Na trama que separamos a personagem sofre de uma disfunção cerebral permanente que a faz esquecer os conteúdos vividos durante o dia, e no dia seguinte não se recordar de absolutamente nada do que foi vivido. A cena que nos intriga é a que a personagem pinta de diversas formas o rosto daquele homem que ela nem sabe conscientemente quem é. No meio disso algo nos captura e nos envia interrogações: é certo dizer que a memória estaria restrita ao campo cerebral? Somos feitos do que esquecemos, é verdade, mas será que o que esquecemos também não nos compõe? Mais uma vez a música aparece em cena burlando, furando bloqueios, inclusive cognitivos, deixando claro que no campo das sensações profundas a dimensão sensorial pode estabelecer a conexão perdida. Quem sabe o retrato pintado e a sensação de quando se pinta deixem vestígios incontestáveis

de que não seja preciso recordar quicá de tudo, e que o essencial é apenas o sentido. E a sensação como descreve Almeida (2017) –está no corpo, a cor está no corpo, a sensação é o que é pintado, e no quadro, está o corpo, experimentado e vivido como sensaçãool (p. 26).

É no corpo sensível que as trocas simbólicas e energéticas acontecem e marcam-se nele, conseqüentemente, quando pensamos em acompanhar os fluxos sutis que dele emerge, os gestos, os cheiros, os toques, tudo que o que faz vibrar, o que pulsa, os ritmos ganham tônica especial. Dessa forma, para nós é possível afirmar que os processos de retenção dessa memória, dessas experiências energéticas intensas vão dar orientação e forma ao organismo como um todo.

Todas as nossas experiências são permeadas pelos nossos sentidos, eles que nos dão a noção de quem somos, o que sentimos, o que podemos perceber. Escolhemos o filme *Nas Profundezas do Mar Sem Fim* (1999) para focarmos a maneira como a memória parece ser resgatada pelo cheiro, e o que vem à tona não é somente um resquício de lembranças, mas um sentimento. A cena em que o menino está com a mãe revisitando o baú de roupas velhas de quando eles eram bebês, traz a impressão de um estalar, despertado pelo cheiro, que não é o cheiro em si, mas um conjunto de coisas que compõem e disparam a memória olfativa.

De acordo com Cardozo (2009) o olfato diferentemente dos outros sentidos não precisa de tradutor. Sua mensagem atinge rapidamente o hipotálamo enviando automaticamente uma resposta ao corpo todo e –o efeito é imediato e não diluído pela linguagem, o pensamento ou traduçãool (p.15). É interessante pensarmos que se os outros sentidos (audição, visão, etc) dependem de outros fatores para serem adequadamente captados e traduzidos, tais como a intensidade dos decibéis, a quantidade de iluminação, de outro modo o olfato está ligado à respiração, ou seja, não podemos simplesmente deixar de respirar e, conseqüentemente, optarmos por não sentir os cheiros, não por muito tempo, pelo menos. É na vigésima semana que o olfato é formado e como o bebê ainda não possui a visão plenamente desenvolvida, é, dessa forma que, pelo cheiro ele identifica mãe. Este sentido além de ser inato, é um dos sentidos mais primitivos, que garantiu a autopreservação da espécie. A autora acrescenta ainda que o olfato teria relação direta com as memórias e as emoções, bem como acompanhamos no filme *As profundezas do mar sem fim*, é o cheiro que reconecta a história perdida, situada entre os escombros do tempo. A cena que separamos de Vincent visitando o irmão mais velho no presídio depois de já ter decidido voltar a morar com o pai adotivo, é emblemática porque de alguma maneira este é o fio condutor que liga o

menino à antiga família, que depois de um sequestro prematuro deixa de fazer sentido na história do menino.

De acordo com Reich (2004) a ciência natural comunga da ideia de que a expressão musical está relacionada com as profundezas do organismo vivo. A densidade de sentimentos que a música pode produzir é semelhante a ter contato com organismo vivo, o que está para além dos limites que nos impõem a linguagem verbal. É assim que a arte nos captura, por parecer que existe alguma expressão que nem mesmo nós conseguimos traduzir. É isso que faz do artista intérprete tão fiel já que se aproxima, talvez mais do que nós, daquilo que nos toma internamente. E com um ar surpreso percebemos que alguém –dissell exatamente daquilo que sentíamos e não sabíamos como expressar. Tanto que até pensamos que — Certas canções que ouço cabem tão dentro de mim, que perguntar carece como não fui eu que fiz? Certa emoção me alcança corta-me a alma sem dor, certas canções me chegam como se fosse o amorl, Milton Nascimento. Pode ser que, o que consagre um cantor, pintor ou escritor não é propriamente a capacidade de falar dele com sua arte, mas, sim a capacidade de falar aquilo que nem nós mesmos conseguimos, nos fazendo sentir contemplados e acolhidos nas densidades das nossas emoções mais inexpressivas e intensas.

Como aponta Araújo, Paz & Caimbra (2008) a junção entre música, cosmo e número era comum no pensamento filosófico antigo. Portanto, a música era compreendida como a — expressão das relações numéricas nas quais se manifesta a harmonia do universoll (p.69). Essa visão perdurou durante anos tanto que a música passou a ocupar –um lugar privilegiado como articuladora de verdades misteriosas e sublimes não acessíveis à razãoll (p.69).

Falando de música e alteridade, também podemos considerar a capacidade da música em colocar os discursos que veicula em outros planos. Assim, dizer algo e cantá-lo não é a mesma coisa. A música então pode ser considerada como um –contexto outroll no qual podem acontecer coisas que, num outro contexto, não seriam possíveis ou seriam indesejáveis (p.68).

É interessante pensar nessa dimensão da música como sendo aquela capaz de colocar os discursos em outros planos, que no nível da linguagem verbal talvez não fosse possível. No documentário *Alive Inside* de 2014, produzido por Michael Rossato-Bennett que acompanhou Dan Conhen, fundador da organização, sem fins lucrativos, Música e Memória, reconheceu-se os efeitos da música na vida dos idosos que devido às doenças degenerativas adquiridas, suas memórias pouco a pouco estavam desaparecendo. Segundo eles:

A vida não teria história se nossas memórias não fossem resgatadas o tempo inteiro pelos nossos sentidos: visão, olfato, audição e tato. A música, experiência sentida pelos ouvidos e refletida no corpo e na alma, pode despertar nosso recordar - no real significado desta palavra: *re* (passar de novo) + *cordare* (pelo coração). Sim, recordar significa -passar de novo pelo coração tudo o que nós experienciamos.

Dan Cohen é um assistente social e voluntário em casas de repouso. Ele gostaria de poder retratar os efeitos causados pelas músicas às pessoas do lar e demonstrar como elas reagem ao ouvir suas músicas preferidas. Por isso contou com o apoio de Bennett para que as gravações acontecessem.

A tarefa de Cohen não foi fácil, pois dependia de outros que acreditassem, como ele, que a música pudesse resgatar memórias, portanto vidas. Para convencer, Cohen percorreu o -caminho das pedras, por isso pediu a ajuda do cineasta Michael Rossato-Bennett e de pessoas nada menos importantes como o neurologista Oliver Sacks e o músico Bobby McFerrin. O registro da experiência da música com os idosos das casas de repouso fez o documentário receber o prêmio *Sundance Film Festival* no mesmo ano de seu lançamento, em 2014. (Resenha, Deschamps, 2017)

Como descreve Araújo, Paz & Caimbra (2008) em *Música em Debate*, a música não pede licença e é ela, portanto, que assina sua própria ordem. — É a música que originalmente inscreve, isto é, marca, sulca, possibilita e realiza o memorável (p.75). A música no documentário opera por aparatos que coexistem para além e apesar do tempo e espaço. Poderia a música ter este fôlego de nos conectar com a história, com a memória, com as sensações soterradas? A aposta dos organizadores do filme é que sim.

O enredo desta trama *O Brilho Eterno de uma Mente sem Lembranças*, é interessantíssimo pelo o argumento usado para construir a história. E se as lembranças que nos causaram dor pudessem ser apagadas? A assepsia das memórias poderiam nos garantir uma mente em paz e tranquila? A filosofia que abarca o filme, é belíssima e não acompanha uma linearidade óbvia, pelo contrário os tempos parecem se misturar e se sobrepor. Ainda que não seja nossa intenção analisar o filme de maneira estética, não poderíamos deixar de observar as formas que compõem o enredo, a personagem Clementine, e suas mudanças de cor de cabelo, variando entre o verde, o azul, o vermelho e laranja expressando etapas e fases da sua vida e também a sua personalidade. O enredo não é linear e cheio de nuances.

Decidimos trazer o enredo como um todo neste filme, por se tratar exatamente da temática memória, contudo, a primeira cena que não é exatamente a primeira, é senão um sussurrar de Clementine nas sensações de Joel, enquanto tudo que remete a ela está sendo apagado. Joel acorda desnortado, ao invés de ir ao trabalho, vai para uma estação de trem com destino a Montak e lá –conhecem a moça de cabelos azuis, pela segunda vez. Nesta cena do filme, Joel acorda aparentemente com uma vontade de ir a um lugar e sem saber exatamente o porquê, ele acaba indo e reencontra Clementine, este foi o lugar em que se conheceram pela primeira vez, antes de suas lembranças terem sido apagadas. Nas cenas seguintes eles vão viver um intenso e conturbado relacionamento, que culmina na decisão impulsiva de Clementine em apagar de sua memória Joel. No terceiro momento do filme podemos perceber que as cenas não passam de projeções da mente de Joel, enquanto ele também decide apagar o que resta de lembranças a respeito da moça. Ao decorrer do procedimento Joel pede ao coordenador do procedimento de apagar as memórias que uma lembrança específica sobre a moça seja preservada com ele, uma lembrança da qual ele não gostaria de esquecer. Neste exato momento ele percebe que ao apagar os momentos ruins, todos os outros que foram bons e todo o aprendizado daquela relação também seria apagado, a partir daí ele começa a burlar o procedimento levando a moça para — memórias onde ela nunca esteve e ele conclui: será que apagando o que não existe, eu conseguiria conservar o que de fato existiu?

Para Ribeiro & Dodebel (2015) é importante compreendermos as formas em que os sentidos aparecem na vida pessoal, acionando –memórias afetivas e qual relevância eles assumem na construção histórica da pessoa. Ela prossegue ainda: –como pensar a representação para além da imagem e do texto, considerando os outros sentidos que nos levam a compreender o mundo nas suas nuances temporais, concretas e simbólicas? (p.3).

Ao longo das filmografias destacadas aqui para compor com a temática, algo em comum emerge como figura clara: essas memórias do corpo, tencionam, exalam, pressionam, os sentidos e fazem deles seus aliados indicando formas de expressão para além da linguagem verbal, como a literatura também sugere. A arte como uma cena de filme pode ser encarada como um componente do real? Ou a arte existe por que o real não dá conta de explicar tudo? É a arte o que extravasa e completa o inacabado da vida? A sensação que os anos escolares me trouxeram sempre foi essa: a de que a arte e mesmo os esportes eram a recreação ou o tempo perdido diante do que realmente importava, que era –aprender e – construir conhecimento. A arte tem efeitos outros e tão potentes quanto legítimos, mas é preciso estar atento às forças que nos acomodam e nos paralisam em formas fixas e dadas, imóveis. As

saídas conhecidas são geralmente mais cômodas, ainda que muitas vezes não sejam confortáveis e é por isso que nos importa também atravessar não sem alguns desconfortos, territórios outros.

Arte nem sempre será clínica, mas, de alguma maneira, ela é. Clínica nem sempre será arte, mas, de alguma maneira, ela é. Tornar a membrana que envolve clínica de arte, com certeza, potencializará seus efeitos no mundo. As formas são diversas e nunca fechadas. Há sempre um vazio constitutivo que permite a entrada de ar. É isso que queremos garantir de certa forma: uma possibilidade. Não queremos acabar com as formas numa ilusão de que é possível viver sem elas, mas garantir que sempre possa haver um suspiro de vida no meio das pedras (p.39).

Esse suspiro de vida no meio das pedras para nós seria não se afiançar única e exclusivamente dos saberes conhecidos. Ainda que possamos partir de um lugar de saber, já dito antes, tudo ainda não foi dito, por que a vida não está pronta e vai se aniquilando, ela começa meio inacabada, vai se constituindo, e, ao mesmo tempo, morrendo. Este é o paradoxo vital.

Confesso, que terminar tem sido mais difícil do que começar a escrever, quando escrevo me bate a sensação de que ainda falta alguma coisa ou que não era exatamente isso que queria dizer. É como se eu só pudesse conservar claro o que penso quando ainda não é palavra, e quando escrevo essas linhas, sinto que não digo exatamente o que queria, e a tentativa de regurgitar e tentar outra vez torna cada vez mais difícil a minha tarefa de encerrar. Na tentativa de falar do que não sabemos aprendemos mais do que supúnhamos que poderíamos. Quando escuto meu objeto tento ouvir atentamente o que ele tem a me dizer, saio com a sensação de que entendi muito bem, embora não consiga traduzi-lo como um exímio escultor faz com sua obra. Mas eu tento, e tentei e posso, agora finalmente, considerar algumas de minhas inquietações, desejo, então, partilhá-las nas linhas a seguir.

Considerações Finais

-Se eu não estiver encantado com o meu objeto de conhecimento, eu não posso encantar o outrol.

Mario Sergio Cortella

Estabelecemos as relações entre alguns autores e tivemos a ousadia de trazer para essa conversa autores que alguns diriam que são inconciliáveis, no entanto, julgamos que são justamente as diferenças que tornam amplo e rico um debate. Acreditamos que essas

interseções são possíveis, porque além de comporem para construção da temática que merece aprofundamentos e que não pode ser feita pela vista de um único ponto, corroboram também nossa visão de que, na realidade, as coisas são partes, e, ao mesmo tempo, — todos!. Estes, por sua vez, são também partes que formam um outro todo, e assim por diante. Percebemos também que é preciso uma certa humildade para compreender o objeto o qual nos defrontamos e que existe um saber que não emana daquele que busca conhecer, mas sim da capacidade de se desprender daquilo que já se sabe para poder acompanhar os fluxos, os contornos, as intensidades, os afetos sutis. Refletimos sobre os limites e alcances que decorrem de qualquer pesquisa. E assim, discutimos quais foram os limites que cruzaram os nossos caminhos no que tange a memória corporal? Ora se ousamos afirmar que a linguagem verbal embora expresse algo, não expressa tudo, porque não dá conta de tudo, será que ela também poderia ser um eixo-limite nessa tentativa de — dizer algo do corpo? Ainda assim, lançamos as nossas apostas, nos permitimos e fomos conduzidos por nossas inquietações mais genuínas e percebemos que é a dimensão da experiência sensível que enriquece a expressão do organismo vivo em consonância com suas demandas internas mais profundas.

A princípio tínhamos uma vaga noção de por onde iríamos caminhar com a temática aqui tratada. Ainda que fosse um esqueleto abstrato, este foi sendo atravessado por questões complexas, mas também de muita força e concretude, e assim, foi pouco a pouco sendo encorpado, preenchido e tomando sua própria forma. Foi interessante perceber que apesar de estarmos lidando com uma certa naturalidade com a temática memória do corpo, nos faltava circunscrever as demarcações que estávamos dando a esse corpo, de que corpo falávamos? De um corpo marcado! Constituído pelo social, a cultura, a mídia, e estes operam como agentes que impregnam nossas formas, nossos contornos e não só eles, nossos corpos também são marcados por outros corpos quando se chocam com os nossos. Como esses afetos nos afetam? E constituem um corpo que se recorda. Não duvidamos que de alguma maneira esses choques podem ser potentes, mas também exercem —pressões para nos modelar de acordo com imagens exteriores e nos desconectam de nossa própria experiêncial (Johnson, 1990, p.101). Dessa forma, refletimos a respeito dos lugares sociais que ocupa o corpo, mais ou menos transpassados por ideais que estão fora de nós, mas que acabam nos penetrando e imprimindo marcas desses encontros. Reconhecemos que apontamos questões que embora tenham sido resvaladas não foram aprofundadas na presente pesquisa. As questões levantadas aqui nos capítulos iniciais, apesar de ocuparem o pano de fundo, assumem presença relevante porque embaraçam diversos assuntos tratados posteriormente, e que estão talvez longe de serem

superadas. Ainda que possamos dispor de novos e outros recursos, somos guiados pelos antigos, não superamos o fato de ainda nos apegarmos aos pólos, nos apegamos à um e subvalorizamos o outro, há dualidades em todos os âmbitos da vida humana; abordamos o que diz respeito ao corpo e automaticamente alguém pensará, mas.... e a mente? Tocamos na questão do social e logo alguém, por ímpeto, tratará de defender a essência do ser, ou algo nesse sentido.... Nós gostaríamos de pensar em toda dialética como produção de sentido, de realidades, e que não necessariamente precisam ser excludentes, mas funcionariam como uma unidade. É neste contexto que o paradigma reichiano oferece profundidade ímpar e fornece uma contribuição holística das coisas. É também nele que encontramos fôlego para apoiar nossas investigações.

E antes de dizer o que precisamos dizer, vamos dizer algumas coisas das quais gostaríamos de dizer: esta pesquisa é um escrito científico, uma compreensão empírica e teórica em certa medida da vida humana, mas gostaríamos, sem a menor pretensão, de que fosse também uma aposta em outros caminhos possíveis, um outro olhar em meio a outros olhares. Ninguém pode ou consegue enxergar fora de suas lentes habituais, mas vez por outra trocamos as armações, ajustamos as lentes e outros ângulos se deparam frente a nós e nos possibilitam trilhar quem sabe novos caminhos. É impressionante notar como o enfoque ao corpo, nas mais diversas práticas possíveis, vem aumentando e somando-se a isso nossa singela contribuição, e espero que ela possa fomentar uma busca crescente da compreensão sobre o –corpomentell. Como inicialmente tratamos de um corpo de marcas e concebemos que ele é afetado por essas trocas sensíveis, essa memória só pode ser acessada desnudando as camadas que a encobrem, nossa pele, a primeira camada desnuda, nos proporciona as primeiras sensações. Segundo Berry (2003) é a pele que nos informa a respeito de quem deveríamos ser e acalentados e envoltos no fluxo das ondas suaves do útero, nos sentimos embalados por essa onda amniótica, num contínuo estado de suficiência e realização, o que Boadella (1992) chamou de contentamento insuperável, –a experiência vivida dentro do útero talvez seja a mais próxima da sensação de estar no paraíso (p.38); Boadella (1992) sugere, ainda, que –mesmo as células individuais parecem ter algum sistema primitivo de memória de um passado orgânico (p. 36).

Sugerimos aqui, que todas as interdições corporais que sofremos ao longo da vida nos desconecte dos nossos sentimentos mais íntimos ou mesmo das lembranças que não deixam marcas conscientes em nós. E assim vamos amortecendo nossas sensações físicas, o acesso a nossa interioridade já não é mais claro, direto e sim distorcido, limitado, dependente de outras

referências que não se baseiam nas descobertas de si mesmo. Em decorrência disso aprendemos a conviver com uma falta de consciência corporal ou de sensações que denotam uma insensibilidade evidenciando que parte de nossas cartografias corporais permanecem inexploradas, inacessíveis. Gaiarsa (1984) acrescentará que:

Só quando começo a próprio-sentir minhas ações e atitudes é que elas começam a se fazer sentir próprias, minhas, ASSUMIDAS. Somente quando começamos a próprio-sentir a organização e a coordenação muscular como conjuntos de forças que SÃO o Eu – ou que a ele se opõe – só então passamos a perceber com clareza o que é a nossa vontade, quais são nossos limites – até onde vão nossa potência e nossa impotência (p.193).

Vivemos atualmente, de um modo geral, uma contradição ululante que se dá pela repressão do corpo, não só no sentido moral obviamente, mas no sentido do corpo sensorial, um corpo –psicoenergético. Este vem sendo deixado de lado em prol de artifícios usados para –nos fazer sentir como também deixar de sentir. Somos estimulados a nos entorpecer, a nos euforizar, a nos embotar para suportar o que não deveria ser suportado, a nos entorpecer para nos manter concentrados. E por fim, a consequência trágica é a perda de contato interno. É a falta de — tato nas demandas cotidianas mais simples. É a hipervalorização de um contato superficial, mas que garanta de alguma forma a desejada intensidade. Talvez seja por isso que estamos cada vez mais sedentos e nunca satisfeitos. Este corpo sensível que se afeta nos encontros vem sendo subvalorizado, relegado ao segundo plano. Somos de algum modo, estimulados por uma racionalidade que nos faz crer que precisamos e devemos ser sempre comedidos, polidos, que não podemos perder a com(postura). Temos que estar alinhados, em fila, em forma, conformados! Principalmente no que diz respeito aos espaços de ensino, de saberes e transmissão de ideias. Será que precisamos disso o tempo todo? Aqui nesta pesquisa reinvestimos neste corpo, não o supervalorizamos, e nem sobrepomos ao intelecto, desejamos, portanto, a conexão. Não há dúvidas que possuímos necessidades legítimas e genuínas de toque e contato, somos seres relacionais e nos constituímos a partir dessas necessidades. No entanto, nosso intuito é pensar em que dimensões essas necessidades têm penetrado nossas condutas de modo que um imperativo constante e inalcançável de contato e toque tem nos tornado reféns. O acolhimento e entrega já não são facilmente possíveis. Há uma distorção do contato profundo e genuíno em nome de um contato substituto ou superficial.

Em vez disso, nós o desvalorizamos com práticas sexuais mecânicas, furtamo-nos do carinho por meio de nossas jornadas de trabalho compulsivas, violamos nossos corpos pela alimentação excessiva, anestesiemos nossa dor com

álcool e manipulamos nossos sentimentos com pílulas (Berry, 2003, p.76).

Bem mais que isso, aparece a valorização do corpo enquanto matéria, a qualquer custo, e até as últimas consequências. É um jogo de vale-tudo, construímos uma nova era, a hipervalorização dos desejos. –Despojando-o de qualquer conotação negativa. A fruição do momento presente, o culto de si próprio, a exaltação do corpo e do conforto passaram a ser a nova Jerusalém dos tempos pós modernistas¹ (Lipovetsky, 2005 *apud*, Silva, 2018, p.12).

Pensar nessas configurações atuais de experiências de prazer, desejo ou mesmo impulso, nos remete muito ao conceito de pulsão abordado no primeiro capítulo. Nos perguntamos aonde este conceito caberia na temática levantada? Hanns (1999) buscou sentido em –algo que toma o sujeito, vontade intensa. [...] na botânica, o termo se refere à força orgânica que faz brotar, [...] expressa o drängen (pressionar/ansiar) inerente aos seres viventes, o qual move para fora² (Hanns, 1999, *apud* Rodrigues, 2014, p. 104). A partir dessas definições refletimos sobre o lugar da memória do corpo no instante em que ela pressiona os sentidos para contar do que não foi possível enquanto representação.

Bem... algo parece querer saltar, e assim o fez, em meio a tantas dificuldades de apropriar-se da questão da memória corporal. Percebemos que não se trata aqui de querer dizer uma verdade ao mundo, mas qualquer coisa a ver com a urgência de algo que precisava ser dito e apenas encontrou uma porta-voz. Se, de fato, geralmente, escrevemos daquilo que não sabemos, pode ser um risco ou mesmo uma descoberta escrever daquilo que não se sabe. Inicialmente tínhamos pistas, mas não sabíamos muito bem, afinal de contas, aonde isso iria dar. A intenção era acompanhar os afetos, as marcas, as intensidades que atravessam e marcam o corpo. Por isso, faz sentido pensar que o que motiva continuar seguindo pistas no que tange à memória corporal é apenas compreender, pois é a capacidade de compreender que aumenta o prazer, e não só entender racionalmente, mas compreender psicoporalmente. Diante da convocatória da temática em questão muitas vezes nos sentimos desafiados a tratar do que nos parecia absolutamente complexo, e em outros momentos diametralmente óbvio. Entretanto, por que estamos fazendo? Simplesmente, porque o não fazer, também, não nos foi possível! Outros tantos desdobramentos foram sendo resvalados ao longo da presente pesquisa, no entanto, ficaram de fora do nosso escopo, nos deixando a sensação de um caminho ainda fecundo, porém, árduo a ser percorrido. Surgem temas como memória e história, e que recursos são estes que podem atualizar as memórias dentro da história dos sujeitos? Porém, não devemos confundir memória com história. A memória que os corpos

carregam também participa da história que nos encarregamos de contar. Como sustenta Leloup (2000) –o corpo é a nossa memória mais arcaica (p.15). Ao longo de nossa pesquisa a temática corpo foi nos atravessando, sendo assim, falar de um corpo descolado de seu contexto social histórico nos pareceu arbitrário, diante disso outras facetas foram sendo incorporadas a nossa compreensão dos processos que suturam o corpo, suturam por que costuram nele, ideologias, inovações, crenças ...Abordamos a respeito de algumas modificações que vem sofrendo o corpo nos tempos atuais, e, pensamos, caminhamos para detectar a não- potência? Para singularidades outras? Não se sabe ainda... ou quem sabe os dois! De qualquer modo, esperamos que os próximos capítulos da investigação sobre o tema nos conte o que agora vemos como imagem difusa. Os estudos parecem ainda incipientes para apontar firmemente que um corpo revela uma história arcaica do que lhe marcou, enquanto que o nosso corpo parece capaz de nos dizer melhor sobre isso. É importante que sejamos –educados a aprender por outras vias e não só pelos moldes tradicionais de conhecimento. Conhecer deve sempre significar expandir em experiência, porque, afinal de contas, a experiência é o que nos mantém comungando da mesma realidade, ainda que para cada um o conteúdo das experiências mude, a experiência sempre vai ser da ordem do inquestionável. Ou qualquer um de nós dúvida de que estamos experimentando a realidade de estarmos vivos?

Portanto, vivamos as experiências, sintamos as sutilezas do que nos vem por meio dos órgãos e do sentido e também aquilo que nos afeta. Ainda que racionalmente não identifiquemos suas fontes, estejamos abertos, disponíveis ao que nos *toca* afetivamente. Isto pode produzir conhecimento e autoconhecimento. Esperamos que com a presente pesquisa tenhamos contribuído para um longo caminho que precisa ser desenvolvido na exata medida de sua importância.

Referências

- ALMEIDA, V, B. Recordação e apego à vida: da Memória Corporal à Memória das sensações na literatura e na cultura digital. **Revista comunicologia: Revista da Universidade Católica de Brasília**, v.10, n.2, jul. /dez. 2017, pp. 19-34.
- ANTONELLO, F, D. **Trauma, Memória e Escrita**: uma articulação entre a literatura de testemunho e a psicanálise. Tese (Doutorado) – UNIRIO/CCH/Programa de Pós-graduação em Memória Social, 2016.
- ANTONELLO F, D & GONDAR, J. E quando não há fios lógicos? **Cad. Psicanálise. CPRJ**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 30, jan./jun. 2014, pp. 89-112.
- ANTONELLO, F, D & GONDAR, J. As diferenças na memória no âmbito da obra freudiana: contribuições à teoria do trauma. **Psicanálise & Barroco em revista** v.10, n.2, dez. 2012, 01 02 , pp. 7-140.
- ANZIEU, D. **O Eu-pele**. Rio de Janeiro: Imago, 1988.
- ARAUJO, S. & PAZ, G & Caimbra, V. **Música em Debate**: Perspectivas interdisciplinares. Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro, 2008.
- BARROS, M. **Livro sobre nada**. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- BERGSON, H. **Memória e Vida**. A memória e os graus coexistentes de duração In: Memória e Vida. Ed Martins Fontes: São Paulo, 2007.
- BERRY, R, C. **Memória Corporal**: O que significa a dor e como massagens e terapias podem ajudar na recuperação. Rio de Janeiro: Nova Era, 2003.
- BERTHERART, T & BERNSTEIN, C. **O corpo tem suas razões**: Antiginástica e consciência de si. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1987.
- BOADELLA, D. Encarnação: a vida no útero. In: **Energia e Caráter**. KIGNEL, R. n. 2. São Paulo: Summus, 1997.
- BOADELLA, D. **Correntes da Vida**: Uma introdução à Biossíntese. São Paulo: Summus, 1992.
- BOADELLA, D. **Nos Caminhos de Reich**. São Paulo: Summus. 1985.
- BOYESEN, G. **Entre psique e soma: Introdução a psicologia biodinâmica**. São Paulo: Summus. 1986.

- BRANDÃO, W, H. **Um Suspiro no Meio das Pedras**: O fazer clínico como ato de resistência às linhas duras do contemporâneo. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - UFRJ, centro de filosofia e ciências humanas instituto de psicologia, 2015.
- BRIGANTI, C, R. **Corpo Virtual**: Reflexões sobre a clínica psicoterápica, São Paulo: Summus, 1987.
- BRITO, C, W. **A memória na contemporaneidade**: uma leitura freudiana. Dissertação (Mestrado) - UFRRJ/PPGPSI. Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFRRJ. Rio de Janeiro, 2017.
- CÂMARA, M, V, A. Contribuições para a atualização da noção de corpo na teoria de Wilhelm Reich pela ótica foucaultiana. In: **Arquivos Brasileiros de Psicologia**. Rio de Janeiro: Imago, vol. 49, 1997, pp 84-96.
- CARDOZO, M, S, M. **Olfato**: Uma sensação magica compreendida sob o prisma da psicologia corporal. Curitiba: Centro Reichiano, 2009.
- CAREGNATO, R, C, &A, Mutti, R. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. **Texto Contexto Enfermagem**. Florianópolis: Rio Grande Do Sul, n. 15, out/dez. 2006, pp. 67-84.
- CARREIRO, R & ALVIM, L. Uma Questão de Método: Notas sobre a Análise de Som e Música no Cinema. **Matrizes**: São Paulo. V.10 - Nº 2 maio/ago. 2016,pp 175-193
- CARVALHO, C, V. Cinema como Objeto de Estudo Acadêmico. **Revista de Ciências Sociais**. n. 31 Setembro de 2009, pp.197-211.
- CIAMPA, A. C. **Identidade**. In: **Codo, W, L, S, (Orgs). Psicologia Social**. O homem em movimento. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- COHN, L. **Corporificando o Impalpável**: trabalho somático com os sonhos. In: Encontro Paranaense. 2014. Anais. Curitiba. Centro Reichiano. Disponível em: <<http://www.centroreichiano.com.br>> Acesso em 12 dez, 2014, pp. 1-6.
- COHN, L. Psicologia Formativa: Um caminho evolutivo. **Cadernos de Psicologia Formativa**. Rio de Janeiro: Centro de Psicologia Formativa do Brasil Vol.1, 2007, pp.8-24.
- COSTA, A. **O Corpo Da Experiência Corpo e escrita**: Relações entre memória e transmissão da experiência. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.
- COUY, V, B. **Escritas no Corpo**. Dissertação (Mestrado) –UFRJ/Programa de Pós-Graduação em Ciência de Literatura. Rio de Janeiro, 2006.
- DAL-COL, P, S. **Corporeidade na Biozanda**. Trabalho de conclusão de curso apresentado na Escola de Biodanza Rolando Toro Do Rio de Janeiro, 2003.
- DAOLIO, G. **Da Cultura do Corpo** . Campinas: Papyrus,1995.
- DELEUZE, G. **Lógica do Sentido**. São Paulo: Perspectiva, 1998.

DESCHAMPS, M, L. **Resenha crítica do documentário Alive Inside**, 2017. Disponível em: <http://lucianemdeschamps.blogspot.com/2017/04/resenha-critica-do-documentario-alive.html>.

Acesso em 20/10/2018.

FERENCZI, S. **Notas e fragmentos, Obras Completas, Psicanálise 4**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FERREIRA, F, P & Col. Insistências traumáticas e memória corporal: uma leitura ferencziana. **Revista Estudos da Língua(gem)**. Vitória da Conquista, v. 11, n.1, 2013, pp. 111-128.

FERREIRA, A. Mente, Corpo, Memória e Imaginação em Espinoza. **Revista Ciência, Filosofia & vida**. 2008, pp. 66-73.

FONTES, I. **Memória Corporal e Transferência**: fundamentos para uma psicanálise do sensível. São Paulo: Ideias & Letras, 2010.

FONTES, I. O corpo na metapsicologia. **Revista Psicologia Clínica da PUC Rio**. Vol.12, Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000, pp.75-82.

FOUCAULT, M. O Anti-Édipo: Uma Introdução À Vida Não Fascista. **Cadernos de Subjetividade /Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade** do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP, v.1. São Paulo. n.1, 1993, pp.197-200

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal. 1990.

FREUD, S. Carta 52. **Extratos dos documentos dirigidos a Fliess**. Obras completas de Sigmund Freud. Vol. 1. Rio de Janeiro: Imago. 1950/1996.

FREUD, S. **Moisés, e o monoteísmo, esboço de psicanálise e outros trabalhos**. Obras Completas de Sigmund Freud. Vol. 23. Rio de Janeiro: Imago. 1939/1996.

FREUD, S. **O ego e o id**. Obras Completas de Sigmund Freud. Vol.19. Rio de Janeiro: Imago. 1923/1996.

FREUD, S. A História do Movimento Psicanalítico e Outros Trabalhos. **A Pulsão e Seus Destinos**. Obras Completas de Sigmund Freud. Vol.14. Rio de Janeiro: Imago. 1915/1996.

FREUD, S. **Os Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade**. Obras Completas de Sigmund Freud. Vol.7. Rio de Janeiro: Imago. 1905/1996.

FREUD, S. A sexualidade na Etiologia das Neuroses. **Primeiras publicações psicanalíticas**. Obras Completas de Sigmund Freud. Vol. 3. Rio de Janeiro: Imago. 1898/1996.

GAIARSA, J, A. **Couraça Muscular do Caráter**: trabalho corporal em psicoterapia, fundamentos e técnicas. São Paulo: Ágora, 1984.

GIL, N, J. Abrir o corpo. In: **Corpo, Arte e Clínica**. Porto Alegre: Ed.UFRGS, 2004

- GONÇALVES, M, A, S. **Sentir, pensar, agir**: Corporeidade e educação. São Paulo: Papirus, 1994.
- GUATARRI, F & ROLNIK, S. **Micropolítica**: Cartograficas do Desejo. Ed: Vozes, 1996.
- JACQUES, P, B. Corpografias urbanas: a memória da cidade no corpo. In: VELLOSO, M. P.; ROUCHOU, J.; OLIVEIRA, C. de (Orgs.). **Corpo**: identidades, memórias e subjetividades. Rio de Janeiro: Mauad X/ FAPERJ, 2009.
- JOHNSON, D. **Corpo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- KELEMAN, S. **Mito e Corpo**: uma conversa com Joseph Campbell. São Paulo: Summus. 2001
- KELEMAN, S. **Corporificando a Experiência**. São Paulo: Summus. 1995.
- KELEMAN, S. **Anatomia Emocional**: a estrutura da experiência. São Paulo: Summus. 1992.
- KNOBLOCH, F. **O tempo do Traumático**. São Paulo: Educ, 1998.
- KUNDERA, M. **A insustentável Leveza do Ser**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- LAPLANCHE, J & PONTALIS, J-B. **Vocabulário da Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1967.
- LAPOUJADE, D. O corpo que não aguenta mais. In: **Lins, D & Gadelha, S. Nietzsche e Deleuze: Que Pode o Corpo?** Relume Dumará: Rio de Janeiro, 2002.
- LARROSA, J. Experiência em Alteridade e Educação. **Revista Reflexão e Ação**. Santa Cruz do Sul: Vol.19, n2, 2011, pp.1-27.
- LELOUP, J.Y. **O Corpo e seus Símbolos**: uma antropologia essencial. São Paulo: Vozes. 2000.
- LEMINSKI, P. **Toda Poesia**. Rio de Janeiro: Companhia das letras, 2013.
- LINS, D & GADELHA, S. Acerca Da (In) Atualidade do Duplo. In: **Nietzsche-Deleuze e do Que Pode o Corpo?** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
- LINS, D & GADELLA, S (orgs.). **Nietzsche e Deleuze: Que Pode o Corpo?** Relume Dumará: Rio de Janeiro, 2002.
- LOWEN, A & LOWEN, L. **Exercícios de Bioenergética**: O caminho para uma saúde vibrante. São Paulo: Ágora, 1985.
- LUCAS, M. Arte e Conhecimento: Reflexões a partir da produção imagética em torno da Ciência. **17º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas Panorama da Pesquisa em Artes Visuais –Anpap** Florianópolis. 19 a 23 de agosto de 2008, pp.1331-1342.
- MARCONDES, FILHO, C. **Perca Tempo**: É no lento que a vida acontece. São Paulo: Paulus, 2012.

MARTINS, E. A entrevista como instrumento de pesquisa sobre práticas educativas de famílias. **Nuances: estudos sobre Educação**, v. 24. Presidente Prudente: São Paulo. n. 3, set./dez. 2013, pp.15-

MENESES, A, B. **Do Poder da Palavra**: Ensaios de literatura e psicanálise, 2004.

MIMURA, V, A. Análise fílmica: Internalização, Diversidade, Identidade. Intercom – **Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**, XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – São Paulo - SP – 12 a 14 de maio de 2011.

MOZZATO, R, A. Análise de Conteúdo como Técnica de Análise de Dados Qualitativos no Campo da Administração: Potencial e Desafios. v. 15. **RAC**: Curitiba, n. 4, Jul./Ago. 2011, pp. 731-747.

NIETZSCHE, F. **Assim Falou Zaratustra um livro para todos e para ninguém**. Trad. Mário da Silva. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

PARABONI & CARDOSO. **Memória Corporal e Hipocondria**: um vivido arcaico sempre presente? Psicologia USP- Universidade Federal de São Paulo, 2015, pp, 1-9,

PELBART P, P. Vida e Morte em Contexto de Dominação Biopolítica. **Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo**. São Paulo. 2008, pp. 1-21.

REICH, W. **Análise do Caráter**. São Paulo: Martins Fontes. 2004.

REICH, W. **Função do Orgasmo**: problemas econômicos- sexuais da energia biológica. São Paulo: Brasiliense, 1975.

RIBEIRO, B. L; &DODEBEI, V. Memórias Afetivas: Como Lembrar e Representar a Informação. **XVI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação: Informação, memória e Patrimônio**. João Pessoa: PB, 2015.

RODRIGUES, H, J, L, F. **A fotografia como referência metodológica na prática clínica da análise psicorporal**. Tese (Doutorado) em história das ciências e das técnicas e Epistemologia Programa de História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia, UFRJ, Rio de Janeiro, 2014.

RODRIGUES, M, V, F. **A influência da música relaxante sobre as respostas psicofisiológicas em atletas universitários da UFRRJ**. Dissertação (Mestrado) em psicologia, departamento de educação, UFFRJ, Rio de Janeiro, 2018.

ROSÁRIO, M, N. (2006). **Mundo contemporâneo**: corpo em metamorphose. [Versão online]. Disponível:<http://www.comunica.unisinos.br/semiotica/nisia_semiotica/conteudos/corpo.htm . Acesso em 13/ 04/2018.

ROSÁRIO, M, N. A via da complementariedade: reflexões sobre a análise de sentidos e seus percursos metodológicos. **Veredas** (UNIMAR), v. 1, 2006, pp. 51-69.

SANDER, J. Corporiedades contemporâneas: do corpo-imagem ao corpo-devir. **Revista de psicologia: Fractal**, v21, n.2, 2009, pp. 387-408.

SELIGMANN- SILVA M. A escritura da memória: mostrar palavras e narrar imagens. **Remate de Males**, V.26, n.1, 2006, pp. 32-45. SILVA, G, N, P, & Col. Expressividade e sensorialidade: por uma metodologia da educação física na saúde de idosos. **Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde**. V16, n. 2, 2011, pp 172-176.

SILVA, S, W, da. **Incorporando a teoria e refletindo sobre a pratica em dança contemporânea**. Porto Alegre: 2009. Disponível em http://www.portalabrace.org/vreuniao/textos/pesquisadanca/Suzi_Weber. Acesso em 05/03/2018.

SIQUEIRA, S, F, A, R. **Trauma e Memória Corporal em Ferenczi**. Dissertação (Mestrado) UFRJ, Rio de Janeiro, RJ, 2014.

SOUSA, L, R. & Col. Experiência Sensorial E Aprendizagem Do Corpo: Interfaces Educação - Saúde De-Idosos. **V encontro de extensão do projeto vinculado ao Centro de Ciências da Saúde/Departamento de Educação Física/Outros**, 2004, pp.1-9. Acesso em http://www.prac.ufpb.br/anais/xenex_xienid/x_enex/ANAIS/Area6/6CCSDEFOUT03.pdf

SOUTHWELL, C. Massagem Biodinâmica como Ferramenta Terapêutica. **Cadernos de Psicologia Biodinâmica**. n. 3. São Paulo: Summus, 1983.

TREVIZAN, R. D. **As Potências da Memória: experiência, trauma e contemporaneidade** Dissertação (Mestrado). Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Estadual de Maringá/PR, 2014.

WILHEIM, J. **A Caminho do Nascimento**: uma ponte entre o biológico e o psíquico. 2. ed. revista e ampliada. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

WINNICOTT, D, W. Memórias do Nascimento, Trauma do Nascimento e Ansiedade. In: **Da Pediatria à Psicanalise**. Rio de Janeiro: Imago, 2000.